



Pensando e Fazendo Gênero

EDITORIAL

Duas importantes atividades, promovidas pela Unisinos e que se realizarão ainda neste ano, têm como tema as mulheres. A II Jornada Pensando e Fazendo Gênero, organizada pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre Relações de Gênero e História das Mulheres na América Latina – Nuieg, que acontecerá nesta semana e As Mulheres e a Filosofia, atividade a ser realizada no próximo mês de novembro.

Cleci Eulália Favaro, professora na Unisinos,

Dagmar Meyer, professora na UFRGS, Dr^a. Maria Cristina Aranha Bruschini, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, de São Paulo, Paula Caleffi, Suzana Kilpp, Rosa Bueno Fischer, professoras na Unisinos, estão presentes neste boletim do Instituto Humanitas Unisinos, discutindo e debatendo diversos temas, como gênero, saúde e educação, o trabalho, a maternidade, a domesticação do exótico, a obra de W. Benjamin e o Congresso Internacional da Educação. A Prof^a. Hiliana Reis, por sua vez, narra algo da sua vida num belo depoimento na editoria IHU Repórter. Outros temas como a cultura do desperdício, descrita por um economista catalão, e uma entrevista com Jürgen Moltmann completam este boletim.

Este IHU On-Line é dedicado à memória de Xabier Gorostiaga, falecido no dia 14 de setembro deste ano. X. Gorostiaga, jesuíta basco, radicado na América Central, foi, nos últimos anos, reitor da Universidade Rafael Landívar, na Guatemala, e secretário-geral da Associação de Universidades Confiadas à Companhia de Jesus na América Latina – Ausjal, da qual a Unisinos faz parte, e nosso reitor é o vice-presidente.

Uma boa leitura e uma ótima semana a todos!

PENSANDO E FAZENDO GÊNERO

Nos dias 22 e 23 de setembro, acontecerá, no Auditório Central da Unisinos, a **II Jornada Pensando e Fazendo Gênero**, organizada pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos Sobre Relações de Gênero e História das Mulheres na América Latina – Nuieg, do IHU. O evento pretende possibilitar a visualização de projetos de pesquisa, grupos de estudo e núcleos (redes comunitárias, ONGs, serviços), trabalhos monográficos de conclusão de cursos de graduação, dissertações de mestrado, teses de doutoramento, publicações, enfim, eventos e produtos que proporcionem uma aproximação e discussão em torno do tema *Estudos de Gênero* (prático e/ou teórico). A jornada conta com o apoio dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, História, Direito, Ciências da Saúde e Educação. **IHU On-Line** conversou sobre a Jornada e a caminhada do Nuieg com a Prof^a. Cleci Favaro, uma das organizadoras do evento. Cleci Eulália Favaro é professora no Centro de Ciências Humanas da Unisinos, doutora em História do Brasil e mestre em História da Cultura Brasileira, ambos os títulos obtidos pela PUCRS e autora do livro **Imagens femininas: contradições, ambivalências, violências**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002, debatido no IHU Idéias de 13 de junho de 2002.

IHU On-Line- Como estão os preparativos da II Jornada Pensando e Fazendo Gênero?

Cleci Favaro- O evento tem como proposta fundamental reunir as pessoas que estão pensando e fazendo gênero, por isso haverá painéis com pesquisadores, assim como comunicações de experiências relacionadas ao fazer gênero. As pessoas ainda podem se inscrever para apresentar relatos de experiência e comunicações temáticas. O painel do dia 22 reúne três mulheres que pesquisam gênero na Argentina, Itália e Brasil. A Prof^a. Dr^a. Hilda Habichayn é coordenadora do Mestrado em *O poder, a sociedade e as relações de gênero*, na Universidade Nacional de Rosário, Argentina. O marido dela, Prof. Dr. Héctor Bonaparte, também pesquisa as relações de gênero do ponto de vista masculino. Ele fará parte do painel do dia 23. A Prof^a. Dr^a. Giovanna Fiume, da Universidade de Palermo – Itália, estuda gênero e violência, principalmente no Manicômio de Palermo. Ela é a diretora da revista *Gênesis* sobre estudos de gênero. A Unisinos está fazendo um convênio com estas duas Universidades, a Nacional de Rosário e a de Palermo, de intercâmbio de professores, alunos, grupos de pesquisa, etc. Também participará do painel a Prof^a. Dr^a. Dagmar Mayer, professora da UFRGS e pesquisadora da questão de gênero. Na noite de terça-feira, dia 23, acontecerá o painel que abordará a questão de gênero do ponto de vista masculino. Esse momento reúne o Prof. Héctor Bonaparte, sociólogo, o Prof. Castor Ruiz, filósofo e o Prof. Rogério Lessa Horta, psiquiatra e doutorando em estudos de gênero, os dois últimos da Unisinos. É importante mostrar como não são só mulheres que pensam sobre a questão de gênero.

IHU On-Line- Como avalia a caminhada do Nuieg até o momento?

Cleci Favaro- Começamos em agosto do ano passado e em novembro realizamos a *I Jornada Pensando e Fazendo Gênero*. Ao longo de um ano, crescemos muito, apesar das dificuldades. O núcleo está sendo sustentado por algumas mulheres que ainda dispõem de tempo fora de sua carga horária de trabalho, para levar adiante o núcleo. A participação geral é muito variável, há um pequeníssimo grupo constante. Temos no horizonte, a realização de um evento internacional para 2005. Até lá, estes encontros nos possibilitam estabelecer redes: sair da Unisinos para formar uma rede de pesquisadores e de pessoas que atuem na área.

Confira a programação completa do evento

22/09/2003

13h30min – Credenciamento

14h às 18h – Mesa-redonda: *O gênero em ação: relatos de experiências*

Coordenação: Profª. MS Clair Ribeiro Ziebel

Local: Auditório Central – Centro de Ciências Humanas

19h 30min - Abertura: Prof. Dr. Inácio Neutzling – Instituto Humanitas Unisinos

19h45min – 22h15min - Paineis: *Os estudos de gênero na Itália, na Argentina e no Brasil*

Painelistas:

Profª. Drª. Giovanna Fiume - Universidade de Palermo – Itália

Profª. Drª. Hilda Habichayn - Universidade Nacional de Rosário - Argentina

Profª. Drª. Dagmar Meyer - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Coordenação: Profª. Drª. Cleci Eulália Favaro

Local: Auditório Central – Centro de Ciências Humanas

23/09/2003

14h às 18h - Sessão de Comunicações Temáticas

Coordenação: Profª. Drª. Edla Eggert

Profª. MS Sonia Almeida

Profª. MS Olga Heredia

Local: Salas do Centro de Ciências Humanas

19h30min às 22h15min - Painel: *Estudos de gênero: o ponto de vista masculino*

Painelistas:

Prof. Dr. Héctor Bonaparte – Universidade Nacional de Rosário

Prof. Dr. Castor Ruiz – Unisinos/PPG Filosofia

Prof. MS Rogério Lessa Horta - Unisinos/PPG Ciências da Saúde

Coordenação: Profª. Drª. Jussara Gue Martini

22h15min - Encerramento

A MATERNIDADE EM DISCUSSÃO

Entrevista com Profª. Drª. Dagmar Meyer

*Dagmar Meyer, professora na Faculdade de Educação da UFRGS, conversou com **IHU On-Line** sobre as relações entre gênero, saúde e educação. Ela é enfermeira pela PUCSP, mestre em Educação pela UFRGS, com dissertação intitulada Reproduzindo relações de poder de gênero e classe no ensino de Enfermagem, doutora pela mesma instituição com a tese Identidades traduzidas: cultura e docência teuto-brasileira-evangélica no Rio Grande do Sul. Dagmar também coordena o Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE), da UFRGS, desde março de 2000. É autora de **Identidades Traduzidas. Cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.*

IHU On-Line - Nos currículos escolares, inclusive universitários, de que forma está sendo abordada a questão do gênero?

Dagmar Meyer - Acho que teríamos que abordar esta questão em duas partes. No que se refere ao Ensino Básico, temos oficialmente os Parâmetros Curriculares Nacionais que propõem, atualmente, a introdução de alguns temas no currículo que deveriam funcionar como sendo Temas Transversais, ou seja, deveriam ser trabalhados por todos/as os/as

professores/as, em todas as disciplinas. Enquadram-se aí temas relativos, por exemplo, à sexualidade e aos chamados Temas Culturais e em ambos se sugere que as questões de gênero sejam trabalhadas. Na concretude das práticas pedagógicas desenvolvidas cotidianamente na escola, no entanto, estes temas ainda não têm tido uma grande penetração, apesar destas "recomendações" contidas nos PCN, seja porque os/as docentes têm dificuldade em achar que tais questões sejam relevantes, seja porque não se sentem preparados para trabalhá-las (o que é o caso, na maioria das vezes). E isso nos leva aos cursos de formação de professores/as que, com raras exceções, também não incorporam tais conteúdos, de forma sistemática, no currículo e nas disciplinas dos cursos. Em geral, o tema é trabalhado por iniciativa individual, quando Estudos de Gênero é a Linha de Pesquisa com a qual o/a docente trabalha na pós-graduação, ou quando isso se configura como um interesse político e acadêmico seu. O mesmo ocorre com as questões relativas à sexualidade. No âmbito da pós-graduação, até temos uma produção bastante importante neste campo de estudos, mas o resultado de tais estudos só penetra muito lentamente no ensino de graduação e chega, mais lentamente ainda, à escola básica. Existem sempre outras prioridades ou questões muito mais emergentes do que estas que envolvem a reflexão sobre os processos que nos educam como homens e mulheres de determinados tipos. De certa forma, feminino e masculino ainda são entendidos como estando no plano da natureza biológica dos sujeitos. Apesar dos inegáveis avanços ainda temos bastante trabalho pela frente para fazer do gênero uma questão curricular legítima.

IHU On-Line - De que forma se dará sua contribuição no painel da II Jornada de Gênero na Unisinos?

Dagmar Meyer - Vou participar da mesa de abertura com a tarefa (quase impossível!) de fazer um mapeamento dos Estudos de Gênero no Brasil. É claro que eu não tenho a menor pretensão de dar conta de uma tarefa dessa envergadura, até porque investigar e discutir o "estado da arte" não é bem minha linha de estudos. Mas, a partir de minha experiência, de minhas leituras e de minha inserção nesse campo de estudos, vou fazer um recorte para debater em linhas gerais, que questões de gênero vêm sendo estudadas e investigadas nas áreas da Educação e da Saúde, que é por onde eu me movimento.

IHU On-Line - Entre as temáticas trabalhadas pelo GEERGE, desde sua fundação, quais as conclusões mais significativas em relação à Educação e às questões de gênero que o grupo chegou até o momento, dentro das áreas de pesquisa desenvolvidas?

Dagmar Meyer - O GEERGE existe desde 1990 e talvez um dos resultados políticos mais importantes que ele produziu até aqui é o de ter institucionalizado essa temática no âmbito da pós-graduação da UFRGS e ter-se consolidado como um grupo de estudos e pesquisa que funcionou ininterruptamente, desde então, cujos trabalhos funcionam como referência em nível de Brasil. Ele foi criado por Guacira Louro e seu primeiro grupo de orientandas, do qual eu faço parte, e o trabalho que a Guacira desenvolveu nesse espaço a colocou como a pesquisadora que, de forma focada, havia orientado o maior número de dissertações e teses sobre Educação e Relações de Gênero, no Brasil, na década de 90. Tenho orgulho de dizer que minha dissertação de mestrado e minha tese de doutorado fazem parte disso e que, hoje, também já tenho 5 orientações de mestrado concluídas nessa mesma linha de pesquisa. O grupo possui um 'site', que é atualizado sempre, e nele é possível visualizar não apenas o que fazemos, em termos de ensino, pesquisa e produção escrita, mas também acessar alguns de nossos textos (www.ufrgs.br/faced/geerge).

IHU On-Line - Sua pesquisa atual tematiza questões vinculadas com a maternidade. Quais são as representações de mulher-mãe que fazem parte do imaginário da sociedade contemporânea?

Dagmar Meyer - São representações múltiplas e conflitantes que, em alguns casos, rompem com aspectos importantes das representações mais tradicionais de mãe, mas que em outros atualizam ou mantêm aspectos significativos dessas mesmas representações. Eu venho defendendo a tese de que diferentes instituições sociais das sociedades contemporâneas voltaram a investir fortemente na educação das mulheres como mães. As mulheres, hoje, desempenham muitas outras funções sociais, para além da maternidade e ocupam muitos outros espaços para além do espaço doméstico, mas elas continuam sendo responsabilizadas pelo cuidado e pela educação dos filhos e todos os problemas vivenciados por crianças e jovens na contemporaneidade, são explicados, entre outras coisas, por vínculos inadequados entre mãe e filho (só como exemplo podemos pegar a violência juvenil, as dificuldades de aprendizagem, a drogadição, a quantidade de doenças que podem acometer as crianças que não forem amamentadas exclusivamente com leite materno até os 6 meses de vida, etc). A ciência também não cessa de ampliar conhecimentos que dão conta da centralidade desses vínculos. Recentemente li, na Revista da FAPESP, os resultados de uma pesquisa feita com camundongos fêmeas e seus filhotes, os quais foram afastados de suas mães - sem violência ou privação - 20 minutos por dia, durante um número x de dias. Os resultados indicam que o estresse vivenciado por esses filhotes seria tão intenso que aumentou, dentre outras coisas, o risco de eles se constituírem como adultos inférteis. O que se pretende, é estender a leitura desse experimento para entender as relações entre mãe e filho humanos. Eu considero que resultados de estudos como esses precisam ser problematizados, sobretudo se concordarmos com a idéia de que a ciência, por mais que se reivindique neutra, faz parte e é fruto de contextos e tempos particulares. Considerando-se o esforço que as feministas fizeram para demonstrar que a maternidade não é o destino natural da mulher, e que o chamado instinto materno não se constitui como uma essência feminina, penso que devemos perguntar-nos, seriamente, o que esse investimento maciço na educação para a maternidade pode estar a significar, tanto para as mulheres quanto para os homens, em uma atualidade complexa como esta que estamos vivendo: globalização, redução do estado, desemprego crescente, informatização acelerada, etc... Seria uma nova versão da 'volta para casa' do pós-Segunda Guerra? Em que termos e em quais condições? Com que efeitos, para quem? Acho que estamos apenas no início desta discussão.

A MULHER NO MUNDO DO TRABALHO

Entrevista com Maria Cristina Bruschini

IHU On-Line conversou com a Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Aranha Bruschini, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas, de São Paulo, sobre a questão da mulher no mercado de trabalho brasileiro. Maria Cristina Bruschini é mestre em Ciências Sociais e doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP), com tese intitulada *Estrutura familiar e vida cotidiana na cidade de São Paulo*. É autora de 8 livros, entre os quais citamos: **Mulher e trabalho: uma avaliação da década da mulher**. São Paulo: Nobel/CECF, 1985; **Mulher, Casa e Família: Cotidiano nas Camadas Médias Paulistas**. São Paulo: Vértice/Fundação Carlos Chagas, 1990; **Tesouro para Estudos de Gênero e sobre Mulheres**. São Paulo: Editora 34 e Fundação Carlos Chagas, 1998; **Sexo e Juventude: como discutir a sexualidade em casa e na escola**. São Paulo: Cortez., 2000.

IHU On-Line- Em que tipo de trabalho as mulheres sofrem mais discriminação hoje no Brasil?

Cristina Bruschini- Os 36% das trabalhadoras se encontram em atividades precárias, sem carteira assinada, como o emprego doméstico, o trabalho não remunerado, o trabalho domiciliar e outros tipos de trabalho informal. Nos últimos anos, pela sua escolaridade, a mulher vem conquistando funções melhores como as que exigem formação de nível médio ou superior. Mas existem alguns ramos de discriminação às quais as mulheres estão sujeitas, como a desigualdade salarial, a dificuldade de acesso a cargos de comando e a questão de ela ser ainda responsável pela família, pelas crianças pequenas, idosos e doentes, que é uma ocupação tradicional dentro da família e está sendo muito difícil para ela partilhar com os homens e os jovens. A mulher vem conquistando espaços no trabalho, mas ainda sofre bastante com a discriminação.

IHU On-Line- A mulher está sendo tão atingida quanto homem com o desemprego e a precarização do trabalho?

Cristina Bruschini- O desemprego de maneira geral é mais intenso em determinados setores que atingem mais homens que mulheres, como na indústria, por exemplo. As mulheres estão mais concentradas no setor dos serviços e bancário, onde o desemprego não é tão intenso. Em relação à precarização, 17% da força de trabalho feminina é de empregadas domésticas. Na categoria de emprego doméstico, 97% são mulheres. Essa é uma atividade precária, porque os salários são baixos, sem carteira assinada, com longas jornadas. O contingente que trabalha nessas condições é de 35%, mas não vem aumentando. Acho que o trabalho masculino está sendo mais precarizado. Vivemos uma década muito ruim em termos de emprego, de renda do trabalhador, mas não da força de trabalho feminina em si.

IHU On-Line- Quais têm sido os maiores avanços das últimas décadas?

Cristina Bruschini- As ocupações que exigem estudo qualificado, como medicina, arquitetura, direito, jornalismo, registraram um grande aumento da participação feminina. Vejo uma perspectiva positiva para as que estão nos campos mais privilegiados. Mesmo executivas, em empresas, que é um estudo que estou fazendo agora, observa-se uma cifra mais significativa que a da década de 1990. Basicamente, houve um ingresso maciço de mulheres nas universidades, inclusive supera a dos homens atualmente. Ainda assim, continua havendo desigualdade salarial.

IHU On-Line- Por onde começa uma nova organização sexual do trabalho?

Cristina Bruschini- Deve ser em duas esferas. Tem que haver algumas políticas da parte do Estado e de parte das empresas, em seus programas de responsabilidade social. Primeiro é preciso assumir que essas desigualdades existem, até muito recentemente não se imaginava que existiam, porque a mulher não tinha ido, em massa, para o mercado de trabalho. Ao acontecer isso, as mulheres conquistaram posições melhores e começaram a pressionar. Essa pressão ainda deve ser respondida pelo estado, pelas empresas, pelos sindicatos, etc. É importante chegar a ter acesso a qualquer ocupação, posição, trabalho em boas condições, com salários iguais, quando se trata do mesmo cargo, e conseguir o equilíbrio entre família e trabalho. No momento que consigamos uma organização familiar um pouco mais simétrica entre homens e mulheres, onde se dividam mais as atividades domésticas e o cuidado dos filhos, ficará menos pesado para todos.

IHU On-Line- Que políticas públicas estão sendo encaminhadas nesse sentido?

Cristina Bruschini- Uma coisa interessante é que o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher foi transformado numa secretaria especial de políticas para as mulheres, diretamente relacionada à Presidência da República, o que dá um suporte maior às políticas das mulheres. O governo federal está muito atento à representação feminina em todas as áreas. Agora, em relação a políticas voltadas para o trabalho feminino não estou vendo muita coisa. Sequer foi tomada alguma medida específica em relação ao trabalho feminino. Eu estive conversando com a Senadora Emília Fernandes, que é a responsável pela Secretaria da Mulher e ela estava muito entusiasmada com a boa vontade do Presidente nessa sentido. Só que os orçamentos foram extremamente cortados e, segundo informação fidedigna que recebi, o orçamento dessa secretaria ficou muito pequeno.

DESTAQUES DA SEMANA

Artigo da Semana

A CULTURA DO DESPERDÍCIO

*Reproduzimos na íntegra o artigo **A cultura do desperdício**, de Robert Tomás, professor de Economia Aplicada na Universidade Autônoma de Barcelona. O artigo foi publicado no jornal argentino **Clarín**, 26-8-03. A tradução e os subtítulos são do CEPAT, a quem agradecemos.*

A expressão “cultura do desperdício” sintetiza perfeitamente o que constitui uma das características mais importantes da modernidade ocidental. Pode-se afirmar, sem exagero, que o produto característico de nossa cultura é o desperdício. Seu componente mais visível é constituído pela acumulação de produtos em bom estado, mas que perderam sua capacidade de serem utilizados e que são substituídos por sucessivas ondas de novos produtos, melhores e mais baratos. A obsolescência generalizada, conseqüência – supõe-se – de uma crescente exigência dos consumidores, e impulsionada por uma inovação galopante, é o outro lado do que se considera o incessante aumento do nível de vida no Ocidente.

O esbanjamento se manifesta em duas vertentes: a econômica e a ecológica

Para muitos, a proliferação dos desperdícios constitui um escândalo, posto que, ao mesmo tempo, cada vez mais gente no Terceiro Mundo, mas também nas ruas das ricas cidades do Ocidente, sofre de uma penúria material que parece infindável. Uma consciência moral mínima se rebela contra este estado de coisas e exige que seja solucionado. Mas, para isso convém examinar com cuidado o que realmente significa esta “cultura do desperdício”. O acúmulo de lixo faz parte de um fenômeno mais global: o esbanjamento inerente à sociedade ocidental moderna, que se manifesta em duas vertentes: a econômica e a ecológica.

O desperdício do ponto de vista econômico

Do ponto de vista econômico, o desperdício tem, por sua vez, dois aspectos. Em primeiro lugar, a incapacidade de a economia capitalista criar a demanda efetiva necessária para a aquisição dos bens produzidos, de forma que, por uma parte, os ingressos dos indivíduos não são suficientes para comprar todos aqueles bens oferecidos no mercado e, por outra, sempre há uma porcentagem de desempregados e de subempregados.

Em segundo lugar, este esbanjamento acontece pela própria ineficiência da produção, ou seja, pela desproporção entre a abundância dos meios empregados e os resultados obtidos, o que se traduz em forma de gastos inúteis, tanto pela baixa produtividade de empresas privadas e organismos públicos como pelo tipo de gastos que poderiam ser reduzidos muito numa sociedade mais racional e menos conflitiva (serviços militares, policiais, penitenciários, farmacêuticos, legais, etc.).

O esbanjamento do ponto de vista ecológico

Mas é seguramente do ponto de vista da ecologia que o esbanjamento alcança sua dimensão mais preocupante. Parece cada vez mais irrefutável que a dinâmica econômica da produção pela produção conduz, tanto a um esgotamento dos recursos naturais como à crescente contaminação do meio ambiente por causa dos resíduos tóxicos, e cujos efeitos podem ser irreversíveis. Tudo parece indicar que a produção, da perspectiva da valorização ecológica dos custos, é ineficiente e mesmo ruínosa.

É possível resolver o problema tecnicamente?

Todos estes fenômenos de esbanjamento estão vinculados entre si, de forma que parece ser necessário ter presente soluções que os contemplem conjuntamente. Isso significa que não se podem aceitar as explicações que reduzem a produção de esbanjamento a um problema técnico, ou seja, de fins e meios, que pudessem ser resolvidos por meio de novos procedimentos tecnológicos. Esta é a solução que o próprio sistema adota, posto que faz parte de sua própria lógica, deixando para um futuro (sempre distante) o descobrimento de novos procedimentos que permitirão aumentar a eficiência e reduzir os dejetos, na linha do que se conhece como reciclado.

A estratégia do reciclado consiste, por um lado, na produção de bens com materiais reutilizáveis e, no outro extremo da cadeia, numa indústria de transformação dos dejetos em novos produtos de consumo. No meio, o consumidor responsável que demanda produtos recicláveis e que separa cuidadosamente os diferentes tipos de lixo.

Esta mesma lógica se aplica ao âmbito ecológico. Também aqui a solução virá da mão da tecnologia que permitirá utilizar energias renováveis e diminuir o uso dos recursos naturais e, como consequência, reduzir os dejetos poluidores; igualmente se conta, neste caso, com a cumplicidade do consumidor.

As soluções – ambas débeis

Assim, pois, o tipo de solução que se perfila tem dois componentes básicos. Por um lado, o da eficiência técnica e, por outro, o da conduta responsável do consumidor. Os dois pilares são, a meu ver, demasiado débeis.

A ênfase no progresso tecnológico toma como solução o que faz parte do problema, posto que a lógica econômica da produção pela produção conduz a uma obsolescência cada vez mais acelerada e, por conseguinte, a um crescente desperdício. Ademais, promover a eficácia energética e produtiva como solução global supõe condenar o resto das culturas a seguir o mesmo caminho que marca a modernidade ocidental e que conduz, como vemos, ao esbanjamento crescente e sem limite.

O outro pilar no qual se sustenta a proposta de soluções ao esbanjamento é a conduta do consumidor. Supõe-se que é preciso procurar que os consumidores estejam conscientes da irracionalidade de seu modo de vida e adotem uma conduta presidida pela austeridade, pela eficiência e pela consciência cívica e ecológica. Assim, é preciso convencer os cidadãos para que reduzam seu consumo, encaminhem-no para a satisfação das necessidades reais e eliminem os gastos supérfluos; para que utilizem, de maneira eficiente, a energia, evitando qualquer desperdício da mesma; para que reciclem os resíduos da forma como as autoridades lhes indiquem e, em geral, para que tenham uma conduta respeitosa com o meio ambiente.

Da pressão do consumidor, se há de derivar que as empresas compitam entre si para oferecer os melhores produtos do ponto de vista da eficiência energética e do impacto ambiental. Assim, de forma paulatina, se irá eliminando o esbanjamento, e a sociedade se fará mais racional, austera e eficiente.

A debilidade deste tipo de argumentação é patente pela assunção ilusória da capacidade do consumidor para determinar as decisões produtivas das empresas. Basta fixar-se nos poderosos condicionantes a que está submetido o consumo para dar-se conta do irreal desta proposta. Mas, é preciso dar um passo a mais e examinar o significado do consumo no contexto das pautas culturais de nossa modernidade.

Mudar radicalmente o caráter do consumo

A concepção ocidental de consumo descansa numa identificação entre indivíduo e consumidor, de maneira que consumir nos parece um ato puramente natural, ou seja, que caracteriza o ser humano em todo lugar e tempo. Isso não é assim, posto que aquilo que denominamos consumo em nossa sociedade não consiste no processo de satisfação de necessidades individuais, mas faz parte dos processos rituais da modernidade.

Diferentemente do que nos ensinam os manuais de economia, nosso consumo é um mero adquirir para possuir. A satisfação que o consumo proporciona é geralmente de ostentação: não se adquire para experimentar um gozo, mas para poder afirmar o poder de aquisição.

Se o consumo consiste na obrigação de adquirir para possuir a mercadoria mais ostentosa e poder mostrá-la como atributo da condição social, o próprio consumo é, simultaneamente, esbanjamento. Devido à mudança contínua nas modas, nos gostos e nos hábitos, como motor de uma produção crescente, o esbanjamento não pode ter fim.

Consumo orientado pelo “bem-estar”

Se o que foi dito anteriormente está certo, somente podemos acabar com o esbanjamento suprimindo o consumo que o torna inevitável. Não se trata, portanto, de reduzir o consumo, mas de mudar completamente o seu caráter. Seria preciso recuperar um consumo (se se quer utilizar a mesma palavra) não fundamentado no ter, mas no estar; ou seja, um consumo como meio destinado a proporcionar uma boa vida, o que só é possível a partir de uma mudança cultural radical. Dito brevemente: a recuperação de um consumo encaminhado para o “bem-estar” supõe que este não se centre no desperdício e no esbanjamento.

As outras culturas dedicam boa parte de sua atividade a gastos perfeitamente improdutivos, mas que têm um grande significado social: cerimônias, festas, atividades artísticas..., em definitivas formas culturais de esbanjamento. O problema da nossa cultura não é, pois, o desperdício, mas a forma de como este se produz: letal para com a natureza e mesquinho do ponto de vista humano.

Para escapar da “cultura do desperdício”, somente se vislumbra um caminho: o esquecido deste triste “bem-ter” para poder encontrar, em nossas próprias raízes culturais, o fundamento para gozar da boa vida.

TEOLOGIA PÚBLICA

UMA ENTREVISTA DE JÜRGEN MOLTSMANN, O TEÓLOGO DA ESPERANÇA

*A revista mensal italiana **Jesus**, de setembro de 2003, publica, sob o título Os Leões da Teologia, duas entrevistas com Jürgen Moltmann e Hans Küng, respectivamente. Segundo a revista, dois ‘grandes velhos’ do pensamento cristão contemporâneo, que continuam a escrever livros e a fazer opinião sobre os grandes temas da atualidade e que chegaram aos 75 anos de vida. Do teólogo luterano Jürgen Moltmann acaba de sair um volume sobre a relação entre ciência e fé: um tema não muito teórico, dado o peso sempre maior das questões ecológicas sobre as nossas sociedades. Hans Küng há pouco tempo completou 75 anos, sem que se tenha resolvido o rompimento com Roma, que lhe retirou a ‘missio canônica’ de professor de teologia, mas que percorre o mundo convidando os líderes das grandes religiões para um projeto de paz global.*

Hamburgo, julho de 1943. A cidade alemã é devastada por uma chuva de fogo: a operação ‘Gomorra’, da força aérea britânica, termina com 40 mil mortes. Dois alemães se encontram lado a lado. Um é esmagado por uma bomba. O outro sobrevive. Ele se chama Jürgen Moltmann, classe 1926. Não é crente. Mas naquela noite invoca, talvez pela primeira vez, a Deus. Desde então uma pergunta o atormenta: “Por que continuo a viver e não morri como os outros?”

Exatamente sessenta anos depois, Moltmann está sentado numa mesa sob o sol italiano. Aquele que se tornou um dos maiores teólogos contemporâneos – fundamental é o seu livro **Teologia da Esperança**. Cidade: Herder, 1971; está saindo o seu novo livro **Scienza e sapienza**, sobre a relação ciência e teologia -, não esqueceu aquela antiga pergunta. “Foi aquele o início da minha fé. O meu primeiro impacto com Deus foi com o seu lado obscuro. E não somente por causa da morte do meu companheiro, mas por tudo o que sucedeu naqueles anos”.

Jesus: Nunca tinha pensado em Deus antes de julho de 1943?

Moltmann: Não provenho de uma família de pessoas crentes. Os meus pais eram livres pensadores. Durante a guerra, depois da morte do meu companheiro, e, sobretudo, nos meus três anos de prisão, tinha perdido as minhas certezas. A minha experiência da morte, os meus sentimentos de culpa por aquilo que o meu povo tinha feito, o horror dos campos de concentração tinham esmagado os meus esquemas.

Jesus: O que, então, aconteceu?

Moltmann: Durante a minha prisão, comecei, quase por acaso, a ler a Bíblia e fiz amizade com cristãos escoceses e ingleses. Naqueles anos, comecei a conhecer a fé e a professá-la. Quando, em 1948, terminou a minha prisão, eu não sabia a que Igreja deveria pertencer, mas sabia que teria que estudar teologia. Comecei a ler a Bíblia, a conhecer a fé até que me pus a professá-la e a ter fé. Depois comecei a estudar teologia para procurar entender se a fé cristã poderia ser verdadeira. E se o era, se podia propor verdades sobre a vida.

Jesus: Qual foi, a partir de então, a sua esperança?

Moltmann: Aprendi que existe aquilo que chamo 'teologia do povo'. Sendo pastor, de 1953 a 1958, na pequena comunidade de Bremen-Waserhorst, me dei conta de que a interpretação do texto deve ser ligada à experiência de comunidade que os homens e as mulheres fazem nas suas famílias, no trabalho, na vida cotidiana. A teologia puramente acadêmica e apartada me parece um deserto.

Jesus: Encontrou a verdade que busca, ou ainda tinha dúvidas?

Moltmann: As dúvidas continuam sempre. A própria Bíblia nos dá exemplos contínuos. É só lembrar de Jó, para citar um caso. Estudando aquele livro se vêem claramente quais são as suas angustiosas perguntas, mas se entende também que a fé pode subsistir, não obstante – e talvez por causa disso – as dúvidas.

Jesus: O Sr. experimentou a fé a partir da morte. Como chegou depois à “teologia da esperança”?

Moltmann: Um velho dito sapiencial diz que “conhecer Deus significa sofrer Deus”. Sofremos Deus, quando ele parece esconder o seu rosto de nós, quando experimentamos a sua ausência. Mas este não é o único rosto de Deus. Existe um rosto que “brilha” e que torna plena a vida. A minha teologia da esperança dá conta de ambos os rostos: da realidade que experimentamos do sofrimento e da morte, mas também da promessa de Deus que faz superar os confins, que se compromete com um Êxodo. A morte não é, verdadeiramente, a última palavra.

Jesus: Num mundo como o de hoje, onde não faltam experiências de ódio e de morte, há ainda espaço para a esperança?

Moltmann: É um tema que tratei nos meus primeiros dois livros sobre o assunto. Agora estou preparando um terceiro que fecha o ciclo. Como observo nos meus textos, para compreender qual é o espaço para a esperança é necessário estabelecer a que nos referimos com esta palavra. Eu não a compreendo como uma fuga do mundo, mas retomo a tradição hebraica segundo a qual tudo é possível. Para os hebreus, crer nos milagres significa ser realista. A esperança, como a fé nos milagres, não é um projetar-se para frente para evadir do sofrimento que se experimenta. Pelo contrário, a esperança nos permite interpretar com mais profundidade a realidade, na qual se ancora. Explico-me melhor. A realidade é uma ilha com muitas possibilidades. A esperança é a chave que ajuda a ver todas estas oportunidades.

Jesus: Se há espaço para a esperança, então quer dizer que há ainda espaço também para a fé?

Moltmann: Sim, acredito. Talvez hoje mais do que ontem. No passado, não havia necessidade de uma escolha, pois a fé era generalizada e, portanto, também pouco aprofundada. Hoje, num mundo tão radicalmente secularizado, ocorre uma oposição clara. Ao contrário do que parece e se diz, a fé hoje tem um espaço maior precisamente porque tem esta maturidade.

Jesus: Quando a teologia tem incidido sobre temas como a paz, a globalização, a pobreza?

Moltmann: A teologia deve fazer um *mea culpa* por ter incidido pouco. A sua tarefa é a de sensibilização e de formação, o que, talvez, não tenha sido feito suficientemente. Isso não significa que a teologia faliu. Antes, é necessário continuar a pensar e abrir estradas, para o

futuro. Quero precisar que a teologia é tarefa de todos os fiéis, não somente das faculdades acadêmicas. Todos os cristãos devem “conhecê-la” ou não são cristãos. Todo o cristão que crê e que, crendo, pensa algo, é um teólogo.

Jesus: Abordemos algumas problemáticas atuais. Com referência ao debate sobre a guerra e a paz, se justifica a categoria “guerra justa”?

Moltmann: Esta categoria foi criada em tempos diferentes. Foi pensada para limitar a guerra, colocar-lhe limites, não para justificá-la e legitimá-la.

Jesus: Durante a guerra no Iraque se experimentou um ecumenismo de base entre as Igrejas, e muitos se acharam nos pronunciamentos de João Paulo II. Isso abre novas possibilidades para o diálogo?

Moltmann: Trabalhar juntos sobre temas concretos e importantes como aquele da paz tem significado que passos à frente foram dados também do ponto de vista teológico. O ecumenismo não se pode fazer somente em nível acadêmico. Na Alemanha, por exemplo, foram os matrimônios mistos que deram um grande impulso ao diálogo. Penso que as igrejas cristãs hoje estão prontas para uma união com Pedro, mas não sob Pedro. E, além disso, há contradições. Acho que o problema principal não é o primado.

Jesus: Qual tema, segundo o Sr., que deve ser colocado na ordem do dia da reflexão teológica?

Moltmann: É necessário encontrar um novo modo de estar na Igreja e nas igrejas, caso contrário se vai para o ateísmo. Hoje creio que seja urgente, na reflexão cristã, uma nova teologia da ressurreição. Os luteranos aprofundaram muito a teologia da cruz, os católicos, a da encarnação. Agora é necessário dar um outro passo: retornar à teologia da ressurreição, que é o início da vida nova em Cristo, e reelaborá-la. Isso nos dará força para agir contra toda forma de morte e de mal e para aprofundar também uma reflexão ética sobre a justiça.

Jesus: O Sr. tem quatro filhas e uma neta. Como se transmite a fé aos mais pequenos?

Moltmann: Rezando com eles à noite, respondendo às suas perguntas, narrando episódios tirados da Bíblia. Não são necessárias muitas lições acadêmicas. A fé necessita de simplicidade.

Da Wehrmacht à ecologia

Nascido em Hamburgo, em 1926, Jürgen Moltmann foi ajudante *aviere* em 1943 e depois, em 1944, foi convocado para a *Wehrmacht*. Em fevereiro de 1945, foi feito prisioneiro pelos ingleses. Durante a prisão, que durou três anos, começou a ler a Bíblia e a se interessar pelas questões de fé. Em 1948, começou a estudar teologia em Göttingen, onde conheceu a sua esposa, Elisabeth. Graças a esta relação e ao estímulo do seu relator de tese, Otto Weber, se inscreveu no curso para ser pastor protestante. Tornou-se depois docente de Teologia sistemática na Universidade de Tübingen. Se como jovem lia o **Fausto**, de Goethe e **Assim falou Zarathustra**, de Nietzsche, a partir de 1948, a sua fonte de inspiração foi a teologia do luterano Karl Barth. A seguir, tornou-se crítico de Barth por causa da sua exclusiva concentração sobre a fé em Cristo, e se posicionou a favor de uma ética social que o colocou mais próximo dos escritos de Dietrich Bonhoeffer. Além disso, Moltmann descobriu o pensamento de Lutero e de Hegel (também luterano), além da teologia bíblica de Gerhard von Rad e de Ernst Käsemann. A obra-prima de Moltmann, editada pela primeira vez em 1964, é **Teologia da esperança**. Entre as outras obras, traduzidas em todo o mundo, vale recordar **O**

Deus Crucificado e A Igreja na força do Espírito, ainda sobre o tema da esperança. E depois *Trindade e Reino de Deus. A doutrina sobre Deus. Com Deus na criação. Doutrina ecológica da criação*, o teólogo alemão se abre ao tema do ambiente. A Editora Unisinos publicou neste ano, de Jürgen Moltmann, *A vinda de Deus. Escatologia Cristã*. E em breve, na coleção Theologia Publica, um outro livro de J. Moltmann será publicado.

MEMÓRIA

XABIER GOROSTIAGA

O falecimento do jesuíta e economista Xabier Gorostiaga, ocorrido no dia 14 de setembro deste ano, na cidade espanhola de Loyola, foi noticiado com grande pesar pela imprensa e pela Associação de Universidades Confiadas à Companhia de Jesus na América Latina (Ausjal). O padre jesuíta espanhol morreu aos 66 anos, vítima de câncer. Ele foi eleito secretário executivo da Ausjal em 1999, estando afastado por conta da doença. Doutor em Economia, Gorostiaga assessorou diversos governos e instituições, principalmente na América Central. Também ocupou a função de diretor de Planejamento do governo de Daniel Ortega, depois da vitória da Frente Sandinista na Nicarágua. Neste país, ocupou o cargo de Reitor na Universidade Centro-americana de Manágua, durante seis anos. Gorostiaga fundou e trabalhou no INIES (Instituto Nicaraguense de Investigações Econômicas e Sociais) e na CRIES (Coordenadoria Regional de Investigações Econômicas e Sociais).

O economista foi um dos oradores centrais da Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Social de Copenhague, promovido pela ONU em 1995. Participava de iniciativas como o Diálogo Interamericano, do qual fazem parte os ex-presidentes Jimmy Carter (EUA) e Raúl Alfonsín (Argentina), entre outros. Como destaque de sua atuação, está o trabalho realizado junto ao governo do Panamá nas negociações com os Estados Unidos para a devolução do canal. Professor e reitor da Universidade Rafael Landívar, na Guatemala, por diversas vezes, Gorostiaga foi convidado da Unisinos em seminários nas áreas de educação, economia, política, desenvolvimento, temas voltados à América Latina. Entusiasta e atuante na Ausjal, ele confiava no movimento das universidades para um mundo melhor.

A Unisinos convida toda a comunidade universitária a participar da missa de sétimo dia de falecimento de Xabier Gorostiaga, amanhã, terça-feira, dia 23 de setembro de 2003, às 11h30min, na Capela Universitária. O celebrante será o Pe. José Ivo Follmann.

Acompanhe a seguir alguns depoimentos de pessoas da Universidade e fora dela que conheceram e conviveram com Xabier Gorostiaga:

"Eu conheci Xabier Gorostiaga, quando estava na Bélgica fazendo o meu doutorado, em 1992 e nos encontramos outras vezes, posso dizer, que de forma intermitente. Da primeira vez, ele tinha ido à Bélgica, em especial a Louvain-la-neuve, para discutir algumas idéias sobre a sua preocupação permanente: construir, nas universidades jesuíticas, um projeto diferenciado de inscrição cidadã e inovadora. Impressionou-me nele a capacidade de escuta e a sensibilidade em identificar nas pessoas o potencial de cada um: Ele não pedia para um burocrata ser inovador ou para uma pessoa criativa assumir tarefas rotineiras.

Desde o primeiro instante, o seu discurso foi de articular um outro tipo de prática dentro da Companhia de Jesus; ele percebia a necessidade de trabalhar com o leigo. Discurso reiterado fortemente quando de sua última passagem pela Unisinos.

Encontramo-nos outra vez no II Fórum Social Mundial. Ele veio para discutir outros assuntos e temas. Naquela época, o seu projeto mobilizador e a sua razão de ser era a construção da Associação de Universidades Confiadas à Companhia de Jesus na América Latina (Ausjal) e a possibilidade de articular as universidades da Companhia na América Latina. Ele queria que a Ausjal fosse entendida como um espaço de intercâmbio, trocas e de experiências concretas de ação das universidades jesuítas; que a universidade jesuíta fosse um espaço de formação e capacitação de profissionais e atores sociais para a construção de um mundo mais justo. Na oportunidade conversamos também sobre “tecnologias sociais”, ele era muito favorável à possibilidade de pensar processos diferenciados que abrissem possibilidades de pensar e propor outras formas de organização seja do trabalho, seja da economia.

A terceira vez, nos vimos na Guatemala, no encontro das Universidades da Companhia de Jesus, da Ausjal, numa reunião de 4 dias, com professores da área da economia e com pesquisadores que estavam refletindo sobre processos de exclusão social (pobreza). A idéia impulsionadora do encontro era a de se organizar, nas universidades jesuítas, projetos comuns de pesquisa com o propósito de não se ficar limitado ao relato, à descrição, e sim de criar alternativas para a precarização da vida e neutralizar os processos acelerados de pobreza nos países latino-americanos. Das discussões, surgiu a proposta de um encontro mais amplo de forma a engajar, neste trabalho, também as universidades estadunidenses. Ele propôs que o encontro fosse na Universidade de Santa Clara, na Califórnia, que é muito significativa, porque lá o Pe. Peter-Hans Kolvenbach, Geral da Companhia de Jesus, disse que se das universidades jesuíticas saíam profissionais de sucesso em um mundo de exclusão, alguma coisa estava errada. Em 2002, aconteceu esse encontro em Santa Clara, mas Xabier Gorostiaga foi o grande presente ausente. Ele já estava doente, mas todos fazíamos referência à organização da rede e ao sentido que ele, em todas as suas falas, enfatizava: uma universidade jesuíta que fizesse a diferença não só por seu projeto de educação, mas por sua concepção de vida e de homem”.

Prof. Dr. Paulo Albuquerque, professor do PPG em Ciências Sociais Aplicadas da Unisinos.

“Recebi atenciosamente o convite do IHU On-Line para trazer, junto com outros, minhas impressões acerca do Pe. Xabier Gorostiaga SJ. Resisti, até porque não tive o privilégio de privar com este insigne humanista. Na verdade, estive com ele apenas uma vez. Em 26 de outubro de 2001, organizei em Porto Alegre, junto com Rosa Maria Torres, dentro do 1º Foro Mundial de Educação (24 – 27 de outubro) o I Encontro Presencial da Comunidade dos Signatários do “Pronunciamento Latino-americano para uma Educação para Todos”. Éramos 26 pessoas, vindas de 11 países. Pe. Xabier, um dos primeiros signatários lá estava. Sua fala foi convincente. “...Levamos décadas formando profissionais geralmente exitosos em sociedades fracassadas e cada vez mais desumanizadas (...) Devemos nos perguntar sobre as causas dessa disparidade entre o êxito individual de nossos formados e o naufrágio de nossas sociedades” e chamo esta responsabilidade para todos nós que sonhamos em transformar a América Latina com uma Educação diferente daquela que vimos fazendo. Terminada a reunião, veio conversar comigo, porque eu me apresentara como sendo da Unisinos. Falou com carinho da responsabilidade que temos em nos envolver com a educação. Ele afirmava que “Hoje a luta ideológica mais importante no mundo é a luta pela educação. A discussão é que controla a

intensidade do conhecimento." Não posso contar muito mais, a não ser o quanto esse basco, que fez da América Latina sua imensa paróquia, me impressionou vivamente. Este ano, quando do 3º Fórum Social Mundial, soube que ele não estaria conosco por motivo de saúde fiquei triste, pois contava reencontrá-lo. Quando na última segunda-feira chegou a notícia de sua morte, parecia que estava perdendo alguém muito próximo. Não vou completar o espaço que o IHU me concedeu, mas repasso com esta mensagem de saudade alguns textos comoventes que recebi esta semana, falando de Xabier. Estou escrevendo esta mensagem, no momento combinado (9h de sexta-feira, dia 19/9) para um momento de oração, concentração coletiva para dar energias e paz espiritual ao Xabier".

Prof. Dr. Attico Chassot, professor do PPG em Educação da Unisinos.

"Xabier foi um dos primeiros assinantes do Pronunciamento Latino-americano por uma Educação para Todos e um entusiasta desta iniciativa. Perdemos em Xabier um ser extraordinário, um sonhador fantástico, um pensador e um organizador de primeira linha, alguém que merece uma homenagem e um lugar muito especial em nossa Comunidade Educativa".

Rosa Maria Torres, pesquisadora e assessora Internacional em Educação do Instituto Frónesis, de Quito, e Jose Luis Coraggio, Reitor da Universidade Nacional General Sarmiento, em Buenos Aires, Argentina.

"Seu funeral foi dia 15 de setembro, no Santuário de Loyola, com toda a família e a ordem dos jesuítas. Despedimo-nos dele com a mesma grandiosidade sem pretensão com a qual Xabier nos deu sua vida e obra. Mari Carmen, irmã de Xabier, informou que todos devem estar tranquilos e felizes por Xabier, pois ele morreu tranquilo com um suspiro leve e rodeado por sua família e por jesuítas e, seguramente, já está sorrindo do céu para todos nós. Xabier foi enterrado no cemitério do Santuário de Loyola. Curiosamente, Xabier faleceu quase na mesma hora de sua última cirurgia, em Loyola, depois de haver casado seu sobrinho. Mas faleceu em 14 de setembro, dia da festa da pátria/independência da Nicarágua e da Centro-América. Com muita tristeza enterramos Xabier Gorostiaga. Com sua morte, fica um grande vazio na Ausjal e na América Latina, onde deixará saudades e será, sem dúvida, sempre apreciado e querido. Agradecemos as mostras de solidariedade que nos deram ao longo deste ano e pelas orações por seu descanso em paz. Que Deus o tenha em sua glória".

Claudia Villagrán, coordenadora do Centro de Apoio - Secretaria Executiva da Ausjal-Guatemala

Deu nos Jornais

Jesuítas reunidos em Loyola

A notícia do El País

O jornal espanhol **El País**, dia 19-9-03, noticia a reunião de jesuítas do mundo todo em Loyola, Espanha. Aqui da nossa Universidade, participa desta reunião o Prof. Dr. Pe. Marcelo Fernandes de Aquino, vice-reitor da Unisinos. Segundo o jornal El País, "pela primeira vez em 463 anos, desde a sua fundação por Inácio de Loyola, a direção dos jesuítas veio até à

Espanha para estudar “o estado da Companhia”, numa chamada Congregação dos Procuradores que se prolongará durante cinco dias. Iniciou ontem em Loyola (Guipúzcoa), o pequeno povoado onde nasceu o fundador, e é a 69ª congregação de toda a sua história, com a presença de 97 delegados todas as raças e nacionalidades, precedidos pelo superior geral Peter-Hans Kolvenbach. Holandês de 75 anos, lingüista pela Sorbonne de Paris e formado durante anos em Beirute (Líbano), Kolvenbach é católico do rito armênio e dirige a Companhia de Jesus desde 1983. Seu predecessor foi o bilbaíno Pedro Arrupe”. O jornal recorda que “Arrupe foi obrigado a se demitir por João Paulo II, apesar do seu cargo vitalício”. Segundo o jornal, os jesuítas são hoje 20.400 pessoas presentes em 112 países, tendo uma presença imponente na cultura, no ensino e nas missões, com as melhores universidades católicas”. O jornal noticia também que João Paulo II felicitou, ontem, por telegrama os jesuítas reunidos em Loyola. Segundo o jornal, “no primeiro discurso de Kolvenbach sobre o estado da Companhia, ele reflete sobre as ‘luzes e sombras’ na organização, mas insiste em apostar ‘na qualidade mais que na quantidade’, ao se referir ao número de 900 noviços da Companhia.

A lógica do ‘default’

A proposta de Celso Furtado em discussão

A coluna de Luís Nassif, publicada na **Folha de S. Paulo** de 16-9-03, comenta de maneira contundente a proposta de moratória feita por Celso Furtado na semana retrasada. O colunista escreve: “É bobagem tratar como bravata ou anacronismo a possibilidade de reestruturação da dívida pública brasileira, interna ou externa. Ela se imporá por si, mais cedo ou mais tarde. Só um cabeça de planilha poderia supor que o País com as carências do Brasil, precisando urgentemente de recursos para se desenvolver social e economicamente, se confirmará com dez anos de superávit primário de 4,25% para conseguir (se conseguir) equacionar a herança deixada pelo governo Fernando Henrique Cardoso. Uma hora cai a ficha de que será impossível ao País sair do chão, retomar o desenvolvimento sem investimentos básicos em educação, saúde e infra-estrutura. É óbvio que essa possibilidade está presente na cabeça do investidor externo. Senão, como explicar o nível do risco Brasil - cuja queda é comemorada como se, mesmo depois da queda, não continuasse dos mais altos do mundo?” E a coluna conclui: “Por isso, as afirmações de Celso Furtado, na semana passada, não podem ser tratadas como bravatas anacrônicas. Trata-se da análise fria, de um dos grandes economistas brasileiros de todos os tempos”.

Educação é o coração da democracia

O orçamento esquece a educação

Cristovam Buarque, Ministro da Educação, concedeu uma entrevista ao jornal espanhol *El País*, 15-9-03, enquanto participava da 13ª Conferência Ibero-americana de Educação, realizada na semana retrasada na cidade de Tarija (Bolívia). A entrevista está publicada na íntegra no jornal **Folha de S. Paulo**, 16-9-03 e é comentada nos jornais **O Globo** e **O Estado de S. Paulo**. Para o Ministro, não existe “um só governo na América Latina que negue que a educação é o coração da democracia, mas quando chega o momento de fazer os orçamentos eles se esquecem disso. Por isso decidimos pedir algo que eu já defendia desde 1998, a troca da dívida externa por educação”.

Troca da dívida externa por educação

A proposta do Ministro

Na entrevista, o Ministro da Educação justifica a proposta que fez na 13ª Conferência Ibero-americana de Educação, de trocar a dívida externa por investimentos na educação. Para ele trata-se de uma proposta viável, pois “já temos experiência de troca de dívida por investimentos ambientais. Por isso lançamos a proposta. Há diversas formas de implementá-la. Por exemplo, é possível deduzir 10% da dívida externa, que iria para um banco a ser criado, que canalizaria as verbas para os diferentes projetos educativos de cada país”.

Orçamento brasileiro de 2004

Não tem a cara da esperança

Para Cristovam Buarque, o orçamento elaborado pelo governo Lula para 2004 não tem a cara da esperança que foi depositado nele. O Ministro afirma: “Para a educação e para o social em geral, teria sido desejável um orçamento mais generoso. Por isso, quando Lula o apresentou, eu me atrevi a dizer-lhe que o projeto não tinha sua cara, isto é, a cara da esperança que a gente tinha depositado nele. Eu sou realista. Apóio, como indispensável, a atual política econômica do Ministro Antonio Palocci e até entendo que, constrangido pela herança que recebeu, Lula não pôde apresentar um orçamento mais voltado para a educação e para o social. Porém o que eu gostaria é que ele tivesse dito: ‘Este não é o orçamento que eu desejava, porém eu asseguro que os próximos vão ter a cara da esperança, do novo Brasil que queremos construir, com mais e melhor educação para todos’”.

PT não fez as contas com o passado

Necessidade de elaborar o ‘lulismo’

Cristovam Buarque, ex-governador de Brasília, que se notabilizou pela implantação da Bolsa Escola, pela Poupança Escola e outros projetos sociais inovadores e ousados, constata que “o problema de fundo de Lula é que o PT não acertou as contas com seu passado antes de chegar ao poder. E agora convivem nele várias almas que lutam entre si. Eu entendo que é necessário punir os deputados que votaram contra as reformas, mas compreendo, também, que alguns companheiros não entendem por que têm de votar contra aquilo que o partido sempre defendeu, sem que tenha havido um congresso extraordinário que indique que tipo de partido se deseja, agora que a esquerda chegou ao poder. O PT tinha nascido para defender algumas categorias concretas, entre elas a dos funcionários públicos, e os sindicatos. Hoje o mundo e o Brasil mudaram. Teremos ainda que elaborar o que é o ‘lulismo’, algo que é, sem dúvida, importante e sugestivo”.

Não serei ministro a qualquer preço

O sonho de uma educação de qualidade

Perguntado pelo jornal espanhol se seria doloroso ter de deixar o ministério por causa de composições políticas, Cristovam Buarque responde: “Não creio que eu vá sair, porém o que é certo é que eu não serei ministro a qualquer preço. Aceitei ser ministro, como havia sido governador ou reitor da Universidade de Brasília, para trabalhar pelo sonho de uma educação de qualidade para todos os brasileiros. Só isso me interessa, e Lula, que sofreu na sua própria pele o fato de não poder estudar e de ter uma mãe analfabeta, sabe disso e o compreende muito bem”.

Orçamento de 2004 não tem a cara da esperança

Programas de inclusão digital e salário mínimo sem recursos

A coluna Panorama Político, assinada pela jornalista Tereza Cruvinel, publicada no jornal **O Globo**, 16-9-03, constata que lentamente vai-se compreendendo melhor o orçamento de 2004. Ela destaca dois pontos: “Não há recursos garantidos para o prometido aumento real de 5% do salário-mínimo. O governo pode vir a arranjá-los, mas hoje não estão reservados. Toda a verba destinada aos programas de inclusão digital com recursos do Fust (informatização de escolas, postos de saúde, fronteiras, etc.) é de R\$ 45 milhões. E o Fust tem acumulados mais de R\$ 2 bilhões que, certamente, vão virar superávit”.

Cancún: um novo Seattle **Os países ricos numa bolha**

O jornal francês **Libération**, 16-9-03, analisa, em várias páginas, a reunião ministerial da OMC recentemente realizada em Cancún. O fracasso da rodada é comparado por vários jornais com um novo Seattle. Ou mais até do que isso. O fracasso de Cancún deve-se, em grande parte, também à articulação dos movimentos sociais e ONGs. Esta é uma história que está para ser escrita e analisada. O suicídio do agricultor sul-coreano, que, na imprensa brasileira, foi tratado de uma certa maneira folclórica, teve um impacto importante. Ele era um militante que participava de importantes organizações de defesa dos interesses dos pequenos agricultores. Entre as ONGs presentes e muito ativas em Cancún se destacou a Oxfam. Michael Bailey, inglês, conselheiro político da Oxfam, em depoimento publicado pelo **Libération**, 16-9-03, analisa o fracasso de Cancún: “O coração do problema é que o comércio atual abriu e liberalizou as economias dos países mais fracos, mas não a dos países mais fortes. Nosso papel é de influir na opinião pública, abrir espaços públicos, pois é lá que se ganha a batalha. Que os cidadãos dos países ricos compreendam que eles vivem numa bolha e que eles façam pressão sobre os seus governos. Que eles parem de pensar no curto prazo e adotem uma visão de longo prazo, baseada numa realidade de solidariedade, num real desenvolvimento dos países mais pobres. Eles também ganhariam com isso. Talvez serão destruídos alguns empregos, mas outros serão criados. Caso contrário, as migrações, o terrorismo, a pobreza, o desespero continuarão”.

EUA: O império do medo **A estratégia de Bush é perdedora**

Benjamin R. Barber, politólogo, ex-conselheiro do governo Clinton, autor do mundialmente conhecido livro **Jihad vs Mc World**, traduzido em várias línguas, em entrevista ao jornal italiano **La Repubblica**, 14-9-03, afirma que a “estratégia unilateral de Bush é perdedora”. Segundo B. Barber, hoje os EUA “são menos livres, mas não mais seguros, o que é a solução pior”. Para ele, “a maior ameaça está nos milhares de *containers* que chegam cada dia aos EUA, e que vêm de Karachi para a Califórnia, e que passam por todas as rodovias do país para Nova York, em caminhões. Neste ponto, o governo não fez nada. E para fazê-lo precisa de dinheiro, muito dinheiro”. B. Barber acaba de lançar nos EUA o livro **Fear's empire** (O Império do medo). Perguntado pelo jornal italiano o motivo do título do livro, B. Barber responde: “Porque incutir o medo é a principal arma do terrorismo, e o governo americano está construindo um verdadeiro ‘império’ baseado no medo. O medo, certamente, não é o melhor aliado dos EUA e se nós nos deixamos guiar por ele, acabaremos fazendo o jogo dos terroristas”.

O apartheid global **Uma análise de Ashwin Desai, sociólogo sul-africano**

Ashwin Desai, sociólogo indiano, acaba de lançar o seu livro *Nós somos os pobres*, analisando a sociedade da exclusão. Por ocasião do lançamento do livro em Roma, Itália, o jornal *II Manifesto*, 13-9-03, publicou uma instigadora entrevista com o autor sul-africano. Ele explica o que entende por 'global apartheid'. Segundo ele, "o termo apartheid logo faz vir à mente a África do Sul e as lutas do **Africa national congress** contra o regime branco de Pretória. Desde então, muitas coisas mudaram no meu país. Podemos dizer que a segregação racial formalmente terminou. Mas se partimos das condições de vida dos milhares de homens e mulheres que vivem nas *township* sul-africanas, devemos constatar que a segregação e a marginalidade social são o elemento constitutivo daquela sociedade. A divisão não é mais, ao menos formalmente, entre brancos e negros, onde os primeiros têm tudo, e os outros nada, mas entre ricos e pobres sem distinção de raça. O que aconteceu no meu país aconteceu em muitas outras partes do mundo. Nas economias neoliberais não scandaliza que haja milhões de pessoas que vivem segregadas em guetos ou nas *township*. Quando falo de *apartheid* global, me refiro, portanto, aos excluídos que devem permanecer ali até que o desenvolvimento econômico seja garantido". E Desai continua: "Não podemos esquecer que são as elites locais que garantem a aplicação das políticas neoliberais decididas em nível global. O *apartheid* assumiu uma conotação social e envolve uma grande parte dos países do mundo".

A realidade da África do Sul exige novos instrumentais de análise

Ashwin Desai e a crítica ao partido e ao sindicato sul-africanos

"Como em muitos outros países, também na África do Sul, grande parte dos ativistas ou dos intelectuais achavam que as transformações sociais teriam como motor o sindicato ou a classe operária. Era, no entanto, uma leitura estática da realidade sul-africana. Também, entre nós, o livre comércio significou desemprego, fechamento de fábricas, aumento da pobreza. Toda a literatura sobre a realidade sul-africana tornou-se, assim, obsoleta. De uma parte, o sindicato sul-africano gere a aplicação das políticas neoliberais, enquanto o tradicional trabalho assalariado inclui um percentual mínimo da população. Mas enquanto isso acontecia, cresceram as lutas das comunidades locais pelo direito à casa, à saúde, à escola, contra as privatizações. Limito-me a recordar alguns dados. Há cidades e zonas da África do Sul onde os pobres representam 60 a 70% da população; muitas fábricas fecharam as suas portas, engrossando, desta maneira, as filas dos desempregados; o *welfare state* made in África do Sul foi praticamente abolido; os sindicatos operários perseguem políticas corporativas, esperando que assim consigam salvar-se da maré neoliberal. Em outras palavras, nos encontramos numa realidade que não pode ser compreendida, usando velhos modelos analíticos".

O acordo AES/Eletropaulo e BNDES

Um Proel para salvar as empresas elétricas?

Adilson de Oliveira, professor do Instituto de Economia da UFRJ, analisa, em entrevista publicada na coluna de Elio Gaspari, *Folha de S. Paulo*, 14-9-03, o salvamento da AES/Eletropaulo pelo BNDES. O economista teme que tudo isso "seja o início de algo pior, de um Proer- ou Proel - das empresas elétricas e das concessionárias de serviços públicos privatizadas nos anos 90. O acordo do BNDES com a AES era necessário, até inevitável. Você não pode sentar em cima de uma crise no fornecimento de energia para o coração industrial do País. Nesse sentido, o acordo é tranquilizador. É tranquilizador, também, porque manda um sinal para outras concessionárias que estão em dificuldades. O governo mostrou que pretende reordenar o setor com a ajuda do capital estrangeiro e que não quer reestatizá-lo. As vantagens terminam aí, na generalidade. O acordo perdoa uma conta US\$ 118 milhões de juros resultantes de uma inadimplência de US\$ 1,2 bilhão. O principal ativo dado pela AES como

garantia do acordo já está comprometido, garantindo outra dívida, em bancos americanos. O BNDES já se resguardou e sem essa garantia o acordo falece. Por medo da reestatização, o controle da nova empresa ficou com a AES. Não acho certo. Essa negociação tornou-se um marco para o mercado. Um farol avisando: é por aqui. Prova disso é que as ações da Light subiram 15% no dia em que o acordo foi anunciado. É inevitável, vai se formar uma fila de concessionários na porta do BNDES”.

A privatização da era FHC: Capitalismo sem risco

A Eletropaulo remeteu para os EUA US\$ 500 milhões

Na mesma entrevista concedida a Elio Gaspari e publicada na **Folha de S. Paulo**, 14-9-03, o economista Adilson de Oliveira mostra que o caso AES/Eletropaulo “é um caso perfeito e acabado de herança maldita. O erro foi cometido em 1996, quando o governo e a administração do BNDES moldaram as regras da privatização do setor elétrico. Em vez de estudar a regulamentação para depois privatizar, como fizeram os ingleses, privatizaram primeiro para regulamentar depois. Metade da Eletropaulo foi comprada com um empréstimo de curto prazo de US\$ 900 milhões, feito no mercado internacional. A outra metade foi paga com um financiamento do BNDES sem que ele recebesse garantias adequadas. Esse evento permitiu à AES a apresentação de propostas leoninas ao banco. A Eletropaulo foi vendida por US\$ 1,8 bilhão. Entre 1999 e 2001, ela deu US\$ 600 milhões de lucro. Remeteu para os EUA cerca de US\$ 500 milhões. A partir de 2002, a empresa passou a perder dinheiro. Coisa equivalente aos US\$ 600 milhões que lucrara. Aí é que está a anomalia. Na hora de ganhar, ela remete os lucros e o acionista americano fica feliz. Na hora de perder, ela chama o BNDES. O acionista continua feliz. É o capitalismo sem risco”.

Kirchner vitorioso

Eleições e FMI

O sociólogo Emir Sader, no artigo *O mundo pelo avesso*, publicado pela **Agência Carta Maior**, 15-9-03, analisa o significado da vitória eleitoral de Néstor Kirchner, no penúltimo domingo. Segundo Emir Sader, “a reeleição de Aníbal Ibarra para a prefeitura de Buenos Aires representa uma dupla vitória para o presidente argentino Néstor Kirchner. Ao dar o passo audaz de apoiar um candidato de centro-esquerda, mas de origem radical, e se opor a um candidato peronista, abriu um precedente nas filas do seu partido de origem. Ele preferiu uma opção ideológica, para fortalecer seu perfil de centro-esquerda e, ao mesmo tempo, derrotar a direita”. Para o sociólogo, “com a negociação do FMI nos termos que propunha, Kirchner sai fortalecido de uma semana que poderia, ao contrário, ter representado um duro golpe no prestígio de seu governo. Com uma surpreendente trajetória – que inclui novas alfinetadas em Lula, pela falta de apoio ressentida nos momentos tensos de negociação com o FMI –, Kirchner se torna uma referência de liderança política latino-americana, com um sólido apoio atual, tanto de opinião pública como de forças políticas internas”.

Não precisamos importar dietas

A alimentação tradicional do brasileiro é muito boa

A presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabolismo, Valéria Guimarães, na entrevista publicada pela **Folha de S. Paulo**, 15-9-03, critica duramente a dieta para emagrecer que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva adotou e vem divulgando para os brasileiros em entrevistas a televisões, revistas e jornais. Segundo ela, a dieta faz mal à saúde e causa ‘efeito sanfona’ (emagrece-engorda), além de ser importada e não ter respaldo da comunidade

científica. Segundo ela, “A alimentação tradicional do brasileiro é muito boa e nós devemos voltar a ela: arroz, feijão, um pedaço de carne e verdes. É um pratinho muito bem equilibrado na nossa mesa. É uma dieta nossa e muito boa, quando em quantidades e proporções ideais. Além disso, leite, ovos, massas, farinhas, tubérculos e frutas. O brasileiro não precisa importar dietas. Virou moda comer comida japonesa, *fast food*, essas coisas. Daqui a pouco, o brasileiro não come mais arroz e feijão, e a obesidade infantil no Brasil tem crescido a passos preocupantes”.

Economia tem que crescer 6% na AL

A estimativa é da Cepal

O chefe do escritório da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) no Brasil, Renato Baumann, afirmou que os países da região precisam de um crescimento médio de 6% ao ano para reduzir o nível de pobreza, além de investimentos anuais equivalentes a 26% do Produto Interno Bruto (PIB). Mas, segundo ele, os investimentos na América Latina ainda estão muito longe desse patamar. No ano passado, citou Baumann, o Brasil cresceu só 1,5% e a América Latina tem mantido uma taxa de investimento entre 18% e 19% do PIB ao ano. A notícia foi publicada pelo jornal **O Globo**, 13-9-03. Segundo Baumann, “a Cepal não diz que as economias da América Latina devem se fechar novamente, mas há falhas na relação entre comércio exterior e crescimento doméstico, que gera períodos de instabilidade e movimentos de *stop and go* (paradas e arrancadas) de crescimento do PIB”.

Uma ética para a água

Aquífero Guarani

Washington Novaes, na coluna intitulada *Uma ética para a água*, publicada no **jornal O Estado de S. Paulo**, 12-9-03, comenta a notícia de que “numa negociação concluída em maio em Montevideu, no âmbito do Mercosul, foi aprovado um ‘projeto de proteção ambiental e desenvolvimento sustentável’ pelo qual o Banco Mundial e alguns governos europeus financiarão, ao custo de US\$ 27 milhões, o levantamento de informações sobre o Aquífero Guarani. Este, como se sabe, está sob o solo de vários Estados brasileiros, de Mato Grosso ao Rio Grande do Sul, em cerca de 840 mil km². Sob a Argentina, o Uruguai e o Paraguai está mais um terço das águas desse que é considerado um dos maiores reservatórios subterrâneos do mundo, com 48 mil km³ (1 km³ = 1 trilhão de litros). As mensagens aflitas diziam significar esse projeto que ‘a informação estratégica sobre a mais importante reserva de água doce da região será controlada pelos financiadores do projeto’. E abriria caminho à privatização”. Para o jornalista, “uma notícia como essa, em tempos de ‘crise da água’, gera quase pânico, se não o próprio (seria até conveniente o Itamarati esclarecer à sociedade o que foi negociado)”. Washington Novaes comenta que “em agosto do ano passado, na Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, na África do Sul, o autor destas linhas perguntou, numa conferência de imprensa, ao presidente do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas, o indiano Rajendra Pashouri, em que países como o Brasil poderiam ser afetados pelas mudanças e o que deveriam fazer. Ele respondeu já haver indicações de que se agravarão as secas no Nordeste e as inundações no Sul do País; que a agricultura está sendo e será mais afetada em vários pontos do País; que deveria haver especial preocupação com o abastecimento de água das grandes aglomerações urbanas, que poderá sofrer muito. Portanto, aviso não faltou”. Segundo o jornalista, “o País todo já está cansado de saber que, em suas capitais, se desperdiçam de 40% a 60% da água tratada que sai dos reservatórios; que custaria de cinco a sete vezes menos conservar um litro de água do que produzir um litro ‘novo’; mas não há financiamentos para isso nem na rede pública de crédito. Para completar, não se

consegue votar na Assembléia Legislativa o projeto sobre cobrança pelo uso de recursos hídricos. Também não se consegue, no plano federal, definir como se financiará o plano nacional de saneamento básico - porque não se consegue definir quem é o titular das concessões nas áreas metropolitanas. E não se consegue, porque a concessão pode representar bom dinheiro em caso de privatização do saneamento. Mas sem responder à pergunta fundamental: em caso de privatização, quem financiará as redes de coleta de esgotos para a parte majoritária da população, de baixa renda, que nada pode pagar? E quem pagará pela implantação do tratamento de esgotos (hoje se tratam menos de 20% dos esgotos coletados, que são pouco mais de 50% do total; portanto, tratam-se cerca de 10% dos esgotos domésticos totais)? Nesse quadro, a possibilidade de privatização preocupa - porque no mundo todo tem significado aumento de tarifas”.

Frases da Semana

“EUA: Brasil de Lula é exemplo para o mundo” – manchete principal do jornal **O Globo**, 22-9-03.

Os Jesuítas e os pobres, hoje

“Devemos ter a valentia de ser a voz dos sem voz, em nome daquele que é seu amigo, e reforçar os centros sociais com pessoas e meios econômicos, para que possam intervir com competência e eficácia” - Peter-Hans Kolvenbach, superior geral da Companhia de Jesus em entrevista publicada no jornal espanhol **ABC**, 21-9-03.

“Viajei recentemente pelo mundo e encontrei líderes que realmente trabalham. O Presidente Lula e o Ministro Palocci são notáveis exceções de liderança política, que adotam boas políticas e as implementam com vigor” - John Snow, secretário do Tesouro dos EUA – **O Globo**, 22-9-03.

Universidade: inventar o Brasil

“Ele [Lula] agora precisa da gente [da universidade]. Temos que ajudá-lo a inventar o Brasil” – Cristovam Buarque, Ministro da Educação – **Folha de S. Paulo**, 16-9-03.

Governo: fruto de conchavos

“Continua sendo um governo diferente, mas ao mesmo tempo heterogêneo. Há ministros e ministros, e isso provoca muita ambigüidade. É um governo fruto de conchavos, de concessões e alianças. Sinto, às vezes, com todo o respeito, que a preocupação inicial é economicista demais. Mas confio na história de Lula e na capacidade de pressão do povo” – D. Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia, em entrevista ao jornal **O Globo**, 21-9-03.

Kirchner e o FMI

“A Argentina deu calote e obteve do FMI apoio para adotar superávit primário de 3% do PIB. Parece que o Brasil é tão rico, tão forte, que todos os outros países não têm pena de nós. Então, nós é que temos que defender as nossas causas” – José Alencar, vice-presidente da República – **Folha de S. Paulo**, 16-9-03.

“O enfrentamento do FMI pelo governo Kirchner (enfrentamento agora bem-sucedido, a contragosto do governo Lula) marcou capítulo no esforço para construir tal ordem. Desmentiu mais uma vez os que prevêm apocalipse para quem rejeite o formulário dispensado por Washington e Wall Street” – Roberto Mangabeira Unger, economista e cientista político – **Folha de S. Paulo**, 16-9-03.

O FMI propõe uma moratória?

“A dívida doméstica é grande. A dívida externa é muito alta. Esses problemas não desaparecem da noite para o dia e continuarão absorvendo uma parcela do crescimento nos próximos anos. É preciso ter um crescimento sustentável para diminuí-los em relação ao PIB, a menos que o país adote medidas mais radicais” - Do economista-chefe do Fundo Monetário Internacional, Kenneth Rogoff, sobre o Brasil - **Folha de S. Paulo**, 19-9-03.

Alca

“Espero que o Brasil saiba contestar dignamente a pretensão imperialista da Alca. É a cobrança que venho fazendo a Lula” - D. Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia, em entrevista ao jornal **O Globo**, 21-9-03.

Arquitetura

“A arquitetura é a percepção da vida” - Jacques Herzog, arquiteto suíço, prêmio Pritzker de 2001 – **El País**, 8-9-03.

Nada

“Não ter nada, não levar nada, não poder nada, não pedir nada e, de passagem, não matar nada” – lema de D. Pedro Casaldáliga, Bispo de São Félix do Araguaia - **O Globo**, 21-9-03.

ACONTECE

SÃO LEOPOLDO NO FOME ZERO

Dia 16 de setembro, Telmo Adams e Geraldo Alzemiro Schweinberger, da área de concentração Trabalho, Solidariedade e Sustentabilidade do Instituto Humanitas Unisinos, receberam, na sede do IHU, três membros da direção da Cooperativa de Trabalhadores e Produção do Estado do Rio Grande do Sul (Cotraergs). João de Andrade (presidente), Celso Castro (vice-presidente) e Jorge Dias (do Conselho Fiscal). Discutiu-se a proposta de um projeto de ampliação do serviço de alimentação. Eles pretendem se associar à proposta do Programa Fome Zero e instalar um restaurante popular em São Leopoldo.

CIÊNCIAS JURÍDICAS, IHU E O VOLUNTARIADO

Uma nova parceria entre o Centro de Ciências Jurídicas e o Instituto Humanitas Unisinos está sendo criada, por meio do Programa de Ação Social na Zona Sul de São Leopoldo, inserido na área de concentração Ética, Cultura e Cidadania do IHU. Em junho de 2003, a direção do Centro de Ciências Jurídicas, em reunião com a coordenação do IHU, tinha colocado o Centro à disposição para participar e colaborar com os projetos que compõem o Programa de Ação Social do Instituto. A partir dessa iniciativa, foi realizado um reestudo de todos os projetos do Programa, com a participação dos professores Jaques Alfonsin, Alcido Arnhold, coordenador do

Programa de Ação Social, Tranqüilo Fiametti, Solon Viola, Ivete Keil e Laurício Neumann, coordenador da Área de Concentração Ética, Cultura e Cidadania. No dia 8 de setembro, o grupo chegou à conclusão de que o Centro de Ciências Jurídicas pode inserir-se em três projetos do Programa de Ação Social, atuando de forma específica em cada um. O professor Jaques Alfonsin fará a proposta ao Centro de Ciências Jurídicas, para saber a melhor forma de alunos, professores e demais membros colaborarem.

O projeto *Cidadania* fornece informações básicas de interesse da comunidade, como questões trabalhistas, problemas familiares e direitos do consumidor, casos em que a presença do judiciário é importante. Esse projeto é coordenado pela professora Therezinha Angeli Schneider, do Centro de Ciências Jurídicas.

O projeto *Ações Educativas* é coordenado pelos professores Paulo Gaiger e Gelson Fiorentin, do Centro de Ciências da Saúde. O trabalho consiste em visitas às escolas da zona sul de São Leopoldo, oferecendo aos alunos atendimento psicológico e pedagógico individual e apresentação de peças teatrais, com temáticas que englobam a educação ambiental e o cooperativismo. Segundo os professores que acompanham a realidade das escolas, os casos mais freqüentes analisados pelas psicólogas e pedagogas são problemas familiares. A presença de advogados é considerada de extrema utilidade nesse sentido.

O terceiro projeto que contará com o apoio do Centro de Ciências Jurídicas da Unisinos, será o *Geração, Trabalho e Renda*, formado por um grupo de mulheres que trabalha com artesanato, pintura, e corte e costura. Todos os trabalhos são orientados por profissionais que trabalham voluntariamente. As mulheres também contam com a assessoria da Cáritas, que promove cursos de treinamento. O problema, nesse projeto, segundo os organizadores, é que o aprendizado e o trabalho são feitos em grupo, mas a comercialização dos artefatos produzidos é feita individualmente. O objetivo seria contar com o apoio da área jurídica para buscar uma comercialização mais voltada à área da economia solidária e do cooperativismo, constituindo uma estrutura mais formal. “Conseguindo isso, é possível ampliar o grupo e partir para a produção de alimentos ecológicos, mais baratos, de maior qualidade e segurança, integrando também voluntários dos Centros de Ciências da Saúde e de Ciências Exatas e Tecnológicas”, afirma, esperançoso, o coordenador da área de concentração Ética, Cultura e Cidadania do IHU, Prof. Laurício Neumann.

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE IMPÉRIO

Entrevista com Rosa Bueno Fischer

De 3 a 5 de setembro de 2003, aconteceu, no anfiteatro Pe. Werner, na Unisinos, o Congresso Internacional de Educação, reunindo 750 participantes. O evento, que teve como tema Educação em Tempos de Império, reuniu conferencistas como Inácio Neutzling, Carlos Rodrigues Brandão, Rosa Maria Bueno Fischer, Marcelo Fernandes de Aquino e Marília Spósito. Após o Congresso, IHU On-Line conversou com a Profª. Rosa Maria Bueno Fisher, graduada em Letras, mestre em Educação pelo IESAE, Fundação Getúlio Vargas (RJ) e doutora em Educação pela UFRGS.

IHU On-Line – Qual a sua avaliação sobre o III Congresso de Educação, realizado pela Unisinos nos dias 3, 4 e 5 de setembro?

Rosa Bueno Fischer –Pelo que acompanhei, realmente foi um congresso de altíssimo nível, não só pelo tipo de organização que ele teve e pelo número de pessoas que reuniu, mas também pela qualidade das discussões. Apareceu claramente a grande preocupação em abordar um assunto tão atual e sério como o das relações entre a educação e a sociedade hiperglobalizada, que está sendo chamada de sociedade do império, em que há um domínio

muito grande de alguns modos de existir, de ser, de viver, de fazer economia, de fazer a cultura. A Unisinos está absolutamente de parabéns, principalmente a pós-graduação em Educação, por ter proposto uma temática tão séria e tão relevante para a Educação.

***IHU On-Line* – Quais seriam os maiores desafios atuais da educação no mundo?**

Rosa Bueno Fischer – Alguns dos desafios antigos parece que continuam presentes. Crianças e adolescentes ainda estão vivendo os vários problemas relativos, principalmente à escrita, no que se refere à alfabetização e ao domínio de conhecimentos e informações fundamentais. Numa época de império, de Internet, de altas formas diferentes de comunicação, nós estamos vivendo, ainda, nas escolas, as dificuldades básicas de, por exemplo, escrever, ler, contar e, principalmente, dar conta de questões históricas do próprio País. Está se perdendo a capacidade de avaliação histórica das coisas. Como vivemos numa época de alta informação, o presente é o principal, e o hoje é o que vale. Um desafio fundamental para a educação é recuperar as questões históricas. Também entram aí os desafios básicos relativos ao domínio da língua, da linguagem, da palavra. E há um terceiro desafio: as escolas deveriam dar maior atenção à formação artística e filosófica. Hoje se formam grandes empreendedores, gente que tem que produzir logo, mas a capacidade criativa, a capacidade de expressão artística é um desafio ainda muito grande para o campo da Educação. Quanto mais isso for desenvolvido melhor.

***IHU On-Line* – Que desafios atingem particularmente o Brasil e a América Latina?**

Rosa Bueno Fischer – São desafios das condições materiais mínimas para uma escola, uma universidade funcionar, mesmo as grandes universidades públicas, que são instituições de ponto para o país. Elas estão em decadência em alguns aspectos por conta da falta de recursos mínimos para o trabalho cotidiano. Trabalha-se em condições muito precárias. É incrível porque são desafios antigos, mas a escola pública brasileira já foi de muito melhor qualidade, oferecia melhores condições para seus alunos, e hoje está em decadência. O desafio é dar condições de mais pessoas terem acesso ao ensino e que ele seja bom, porque os profissionais estão sendo formados nas escolas, universidades particulares e públicas, e as escolas não têm as mínimas condições para que eles exerçam suas atividades. A formação do professor também é precária. Há pouca possibilidade de ele ter mais tempo para sua própria formação. O professor corre de uma escola para outra e falta o tempo mínimo para ele ler.

***IHU On-Line* – Como o Governo Federal está conduzindo a questão da educação até o momento?**

Rosa Bueno Fischer – Acredito que o Governo está procurando, não achou ainda um caminho melhor que pudesse questionar o que vinha sendo feito até agora. Os professores ainda não estão sendo suficientemente ouvidos, especialmente no ensino universitário. As reivindicações dos professores e dos pesquisadores estão ainda sendo pouco atendidas. Outro aspecto é que estão sendo tomadas decisões estranhas. Um exemplo: há uma proposta de transformar alunos universitários em alfabetizadores. Aí o Governo diz que não vai mais haver analfabetos, assim como com o Programa Fome Zero, não vai mais haver gente que tenha fome. E a solução dada foi dar um crédito ao universitário que for alfabetizar alguém. É uma decisão muito frágil em termos da educação, de soluções para o problema do analfabetismo no Brasil. Eu acho que é preciso fazer ainda muita coisa e esperava que a classe dos professores, que a organização dos professores, fosse mais ouvida por tudo o que já estudou, pesquisou sobre as necessidades educacionais do país. Eu votei no PT, continuarei votando no PT, mas penso que o Ministério da Educação está nos devendo muito ainda no campo da Educação.

EVENTOS IHU

EXPOSIÇÃO IHU 2 ANOS

Nas comemorações dos dois anos de trabalho do Instituto Humanitas Unisinos, a equipe do IHU organizou uma exposição no Espaço Cultural do Centro de Ciências Humanas, durante esta semana, das 9h às 21h30min. Os visitantes têm entre hoje, dia 22 de setembro, até sexta-feira, dia 26 de setembro, para conhecer o Instituto Humanitas Unisinos através dos eventos promovidos, das publicações, dos momentos registrados em fotografias e vídeos e num bate-papo informal acompanhado de chimarrão. Você é nosso convidado para comparecer no Espaço Cultural esta semana e partilhar conosco das comemorações pelo segundo aniversário do IHU.

CICLO DE ESTUDOS SOBRE O BRASIL

No próximo dia 9 de outubro, a sala 1G119 do IHU será espaço para mais uma edição do **Ciclo de Estudos sobre o Brasil - 2ª**. Etapa. O Prof. Dr. Carlos Águedo Nagel Paiva, pesquisador na Fundação de Economia e Estatística (FEE), falará sobre o livro **A revolução burguesa no Brasil**, de Florestan Fernandes. O evento acontecerá das 14h às 17h.

IHU IDÉIAS

A filosofia foi o assunto de discussão do dia 18 de setembro no **IHU Idéias**. A Profª. Drª. Márcia Tiburi, do PPG em Filosofia da Unisinos, falou sobre *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz*. Lançando tópicos sobre o pensamento de Adorno, Márcia abordou as obras do filósofo e comentou sobre sua estranha fama no ano do seu centenário de nascimento. “Adorno ficou famoso e conhecido justamente por aquilo que ele mais criticava: a indústria cultural”, disse.

Ecos do Evento

“Estou começando a ler Adorno. Achei a palestra muito válida, pela forma clara como a professora abordou o tema. Adorno é o filósofo mais atual da contemporaneidade. Como na História estamos acostumados a lidar com autores mais antigos, achei interessante o que ouvi hoje”.

Núria Barbosa, aluna do curso de História da Unisinos.

“Achei muito interessante, porque a Márcia tomou o cuidado de apresentar bem Adorno. Na estrutura da sua fala, ela separou a forma do conteúdo e do método. Isso ajuda muito para quem está ouvindo e é a melhor forma de fazer filosofia”.

André Pares, aluno de Jornalismo na Unisinos e de Filosofia na UFRGS.

A DOMESTICAÇÃO DO EXÓTICO

Entrevista com Paula Caleffi

Na próxima edição do IHU Idéias, dia 25 de setembro de 2003, será debatido o tema A domesticação do exótico, com a ajuda da Profª. Drª. Paula Caleffi, do PPG em História e coordenadora do Curso de História na Unisinos. Paula é doutora em História da América, pela Universidad Complutense de Madrid, U.C.M., Espanha, com tese intitulada La Provincia Jesuítica del Paraguay: Guaranis y Chiquitos un Análisis Comparativo.

IHU On-Line- Em que consiste a reflexão sobre a domesticação do exótico?

Paula Caleffi- Fui convidada pela Universidade Paris VIII em junho deste ano para apresentar este tema, a domesticação do exótico, na mesa sobre ameaças mundiais contra as diversidades culturais, que fazia parte do evento Diversidade cultural, mundialização e globalização, com pessoas de todo o mundo. A reflexão não é fruto de um único projeto de pesquisa, faz parte de várias pesquisas e de visitas de estudo que eu já fiz, de discussões de que participei, etc. Fiquei muito feliz com o convite para o IHU Idéias. No Brasil, será a primeira vez que apresento o texto. Trata-se de uma reflexão sobre o descompasso entre os avanços jurídicos em relação aos povos indígenas que se materializaram na constituição de 1988 e o vazio deixado pelo Governo Federal no sentido de não estabelecer políticas públicas para que a Constituição seja respeitada. A Constituição reconhece o direito à manutenção da diversidade cultural, reconhece o direito às terras como um direito originário na questão indígena, mas não há, por parte do Governo nenhuma política, nenhuma priorização, nem destinação de verbas para as prioridades estabelecidas. Essa ausência do Estado deixa um vazio que, em algumas partes do Brasil, como na Amazônia, está sendo preenchido por ONGs internacionais e por organismos como o Banco Mundial e a Organização Mundial do Comércio (OMC). Essas instituições oferecem verbas e orientam projetos de etnossustentabilidade na Amazônia. Acontece que o interesse desses projetos, muito além de manter a diversidade cultural é a manutenção de grandes áreas de preservação ambiental na Amazônia. É muito mais fácil conseguir preservar, de garimpeiros e de outros que ficam no limiar do legal, que exercem atividades extremamente duvidosas, quando há um grupo indígena habitando essa área, com uma forma tradicional de vida em harmonia com esse espaço.

IHU On-Line- O que acontece com as populações indígenas dos outros estados do Brasil?

Paula Caleffi- Nos outros estados, há o vazio do estado e o vazio dos investimentos de capital internacional, porque nós não temos áreas de preservação ambiental. O que sobra para essas populações, completamente desatendidas pelo estado e sem nenhum recurso, é uma folclorização de seus traços culturais. As populações, muitas vezes, sobrevivem fazendo espetáculos, instrumentalizando sua cultura, participando de shows para mostrar sua cultura, só que esses shows são absolutamente normatizados pelo mundo ocidental. Eles devem se apresentar dentro do que o mundo ocidental espera deles: figuras exóticas, como se não tivessem quase contato com a sociedade ocidental, encenar o teatro com os traços folclorizados. Para não sucumbir à fome, subnutrição, etc, as populações assumem e desempenham esse papel que se impõe a elas.

IHU On-Line- Como as populações indígenas conseguem lidar com essa folclorização que lhes é exigida?

Paula Caleffi- Dizer que isso não influencia em seu modo de ser, que sabem separar as situações, não é verdade, porque se trata de uma degradação. Eles não podem mostrar sua diversidade, têm que mostrar a diversidade domesticada, aceita. Isso se traduz nos altos índices de alcoolismo, na falta de perspectiva. No Mato Grosso do Sul, há muitos suicídios, por exemplo. Essa folclorização colabora para que as populações indígenas tenham uma baixíssima auto-estima.

***IHU On-Line-* Que tipos de espetáculos são esses?**

Paula Caleffi- Os pataxós, por exemplo, contam como, durante o dia, saem vestidos de índios, com roupas que não têm nada a ver com a cultura deles, tiram fotografias com os turistas, depois deixam aquelas roupas e voltam para casa, seguindo suas vidas cotidianas. Se a questão fosse mostrar sua diversidade, como eles vivem, deveria ser feito de outra forma, porque as pessoas não podem estar submetidas a serem examinadas como os animais que estão em um zoológico e a necessidade de mostrar o que se espera deles vai se transformando em uma forma de vida. Aqui no Rio Grande do Sul, se eles não forem vestidos com roupas indígenas em determinados espetáculos em colégios, eles não são mais convidados. Se eles não têm determinado tipo de comportamento, padrão de higiene, que é um padrão ocidental de quem tem chuveiro, não de quem vive em acampamento na beira da estrada, eles não são convidados. A diversidade é marginalizada, então é lógico que traga aspectos da marginalização como a ausência de higiene. Todo o mundo sabe que o europeu aprendeu a tomar banho na América pela influência indígena, mas hoje em dia, grande parte dos acampamentos indígenas não tem fonte de água. Claro que existem espaços onde a cultura é negociada, ou seja, uma cultura que agrada a eles mostrar e seja bem aceita, mas não é o geral. O mais geral é que se aceite a diversidade domesticada, aceite dentro do que as pessoas imaginam como diversidade e do que imaginam que seja o índio.

***IHU On-Line-* O imaginário atual sobre os povos indígenas não ajuda a conviver com a diversidade...**

Paula Caleffi- O imaginário sobre o índio no senso comum se divide entre duas posições bastantes maniqueístas e radicalizadas. Ou o índio se identifica com a figura selvagem, mora no mato, só caça e pesca, ou é identificado com um canibal, vagabundo, sujo que não gosta de trabalhar. Nunca lhe é dado o direito à simples humanidade.

***IHU On-Line-* Que alternativas temos pela frente?**

Paula Caleffi- O Estado deve assumir esses espaços. O Governo Lula até agora, infelizmente, não demonstrou nenhuma política sistematizada em relação à questão indígena. Podemos entender que é um governo de coalizão, que tem várias negociações a fazer, mas infelizmente, na questão indígena, não se lançou uma diretriz que melhorasse essa situação.

Confira a programação do *IHU Idéias* para o mês de outubro:

02/10/03 – “A Revolução de 1930: história e historiografia” - Prof. Dr. René Gertz, professor na PUC/RS.

09/10/03 – “Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS” - Prof. Dr. Gunter Axt, historiador e pesquisador do Memorial do Judiciário e do Memorial do MPRS/RS.

16/10/03 – “Júlio de Castilhos e o PRR: da oposição ao governo” – Prof^a. Dr^a. Eloísa Capovilla Ramos, professora na Unisinos.

23/10/03 – “A contribuição do gaúcho para a construção da identidade nacional” - Prof. Dr. Donaldo Schüler, professor aposentado na UFRGS.

30/10/03 - “Produção e regulamentação: as barreiras da televisão” - Prof. Dr. Valério Brittos, professor na Unisinos.

O **IHU Idéias** é um evento gratuito que acontece todas as quintas-feiras, na sala 1G119, junto ao IHU, das 17h30min às 19h. Ao final da explanação, sempre são servidas bebidas: chocolate quente, café e água.

HUMANITAS ARTE

Os interessados e as interessadas em arte podem ir se agendando para a segunda edição do evento **Humanitas Arte**. O artista plástico Paulinho Chimendes, mestre na arte da litografia, terá suas obras expostas na Sala de Seminários 1 da Biblioteca da Unisinos, no período de 6 a 17 de outubro de 2003. A abertura da exposição, no dia 6 de outubro, será às 17 horas. A exposição estará aberta das 8h às 22h.

Oficina sobre litografia

Além da mostra, o artista ministrará uma oficina gratuita sobre litografia, nos dias 7, 8 e 9 de outubro de 2003, das 15h às 19h, sempre no mesmo local da exposição.

O que é litografia?

Litografia – a gravura em pedra. A litografia (do grego lithos = pedra e ghraphé = escritura) é uma técnica que utiliza uma pedra calcária de grão fino e baseia-se na repulsão entre a água e substâncias gordurosas. Criada na Alemanha em 1796, pelo tcheco Aloysius Senefelder, ela é utilizada até nossos dias, tendo sua importância histórica por ter possibilitado a impressão colorida em tempos de tecnologia insipiente. Goya, Toulouse-Lautrec, Daumier, Redon a utilizaram vastamente e immortalizaram o desenho sobre pedra como técnica nobre da história da arte.

Quem é Paulo Chimendes?

Paulo Chimendes é artista plástico e um raro litógrafo do Rio Grande do Sul. Dedicado à litografia, ele também utiliza outras técnicas de gravura, como a xilogravura e a gravura em metal, desenho e pintura realizando oficinas e cursos no Museu do Trabalho, em Porto Alegre. Paulo Chimendes estudou desenho com Paulo Peres no Atelier Livre da Prefeitura de Porto Alegre, integra a Oficina 11, Atelier de Litografia e Gravura em Metal, fez diversas exposições individuais e coletivas e participou de vários salões e mostras, sendo premiado em seis deles.

Dentro do objetivo do evento **Humanitas Arte**, está a idéia de que a arte é um momento singular na história, capaz de revelar a relação humana com a sensibilidade ou recriá-la. Diante da pressa comum em nossos dias que impede a atenção do olhar e a experiência estética que nos abre para o significado das coisas, o evento **Humanitas Arte** oferece à comunidade acadêmica e regional um momento de contemplação e reflexão sobre as artes plásticas e visuais. Que as artes possam valer como antenas do processo social e histórico onde se situa o humano e alçá-lo para o significado amplo da vida como um todo.

ABRINDO O LIVRO

Dia 29 de setembro de 2003, o evento **Abrindo o Livro** trará à tona o debate sobre o livro **Obras Escolhidas Volume 1: magia e técnica, arte e política**, de Walter Benjamin, com a Prof^a. Dr^a. Suzana Kilpp, professora e pesquisadora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos. O evento acontece das 19h45min às 22h, na Sala de Seminários 2, da Biblioteca da Unisinos. Suzana Kilpp é doutora em Ciência da Comunicação pela Unisinos, é mestre em História e graduada em Farmácia e Bioquímica e Administração. Seu livro mais recente, ainda no prelo, é **Ethicidades televisivas. Sentidos identitários na TV: moldurações homológicas e tensionamentos**, São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

Confira, a seguir, a entrevista concedida pela Prof^a Suzana Kilpp a **IHU On-Line** sobre a obra de Benjamin.

IHU On-Line- O que torna o pensamento de Walter Benjamin tão atual a ponto de ser retomado permanentemente nos meios acadêmicos?

Suzana Kilpp- Em parte, o caráter "aberto" de sua obra, que leva a leituras controversas. Mas também pelo fato de Benjamin ter percebido precocemente, nos objetos que pesquisou, aspectos da sociedade emergente que só ganhariam plena visibilidade mais tarde.

IHU On-Line- Qual é a novidade de Benjamin na sua concepção da história?

Suzana Kilpp- Na verdade, só conhecemos o esboço de sua concepção, escrito na forma de pequenas teses ou notas. Ainda assim, é possível reconhecer aí várias "novidades", à época. Eu destacaria, apenas por exemplo, a percepção de que "A história é objeto de uma *construção* cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas *um tempo saturado de 'agoras'* (...que se deve fazer) explodir do *continuum* da história" (p.329-330). É um olhar que coloca sob suspeita a "história oficial"; que se dirige aos "cacos" da história que, ainda que tenham sido subsumidos na hegemonia, continuam lá, onde o Anjo que olha para trás (Klee) os vê; e que acredita na desacreditada insurreição dos que se encontram subsumidos juntamente com os cacos produzidos pela arrasadora força do capitalismo (ou de todos os conquistadores em todos os tempos).

IHU On-Line- O que o autor entende por declínio da experiência e que conseqüências isso traz?

Suzana Kilpp- Benjamin fala da memória e das narrativas, território por excelência da experiência. E constata que as narrativas deram lugar à informação, empobrecendo a experiência. Eu pensaria que se trata de uma outra experiência, talvez até uma experiência da "pobreza de experiência". Estamos hoje no epicentro, talvez, dessa sociedade da informação de que o autor fala, e as conseqüências, a meu ver, ainda não são claras o suficiente para fazer juízo delas. É uma situação extremamente polêmica, como se pode ver nos estudos da sociedade globalizada e da informação. O próprio Benjamin fala de novas experiências, surgidas a partir das novas formas de "narrar", como as montagens nas páginas dos jornais, na fotografia, no cinema, na arte dadá. Talvez se pudesse pensar no declínio da experiência tradicional, não sei...

IHU On-Line- De que forma as considerações feitas por Benjamin, a respeito da reprodutibilidade técnica, podem ser instrumentos para compreender nossa sociedade contemporânea?

Suzana Kilpp- Benjamin tenta ultrapassar certas dicotomias, existentes até hoje, como por exemplo: forma e conteúdo, unicidade e serialidade, técnica e estética... Ao adotar como objetos de pesquisa certas materialidades das grandes cidades, freqüentemente ele olha para

as técnicas de (re)produção e nos diz coisas interessantíssimas sobre a sociedade da época (anos 1930), sobre a percepção e a linguagem. O autor, solidário com as massas, entende que só a reprodutibilidade pode levar à satisfação das necessidades de todos - ainda que para isso seja necessário perder a aura das coisas únicas, tradicionais. Entretanto, seria também preciso fazer avançar as técnicas, no sentido da supressão de todas as oposições capitalistas (capital-trabalho; autor-leitor; intelectual-produtor...) que legitimam e aprofundam desigualdades sociais e que alienam as massas daquilo que é legítimo desejar que seja compartilhado. Seria necessário, portanto, mudar as relações de produção. Enquanto isso, Benjamin reconhece, justamente no "estágio das técnicas", importantes mudanças nos modos de percepção. Caberia à arte (que, para isso, precisaria ser politizada) não só diminuir a distância que existe entre fruição e crítica, mas também promover um equilíbrio entre homem e aparelho: treinando a nossa percepção das montagens (dando-as a ver, desmontando-as e remontando); dos diferentes ritmos da vida cotidiana; dos "cacos" ou restos culturais que vão subsumindo nas grandes cidades; e ainda, tornando-se acontecimento de recepção e reação coletiva autocontrolada, uma forma de prevenir as psicoses de massa a que a mesma maquinização do mundo moderno pode levar com bastante facilidade... Ora, tudo isso é ainda muito atual.

IHU On-Line- Que significam para Benjamin a “estetização da política” e a “politização da arte”?

Suzana Kilpp- O autor falava dos usos que os políticos (especialmente sob o fascismo, mas não só!) faziam da arte, das mídias e da reprodutibilidade técnica, reforçando o culto ao astro, ao campeão e ao ditador. Com o rádio, mas especialmente com o cinema (e hoje, acrescentaríamos aí a televisão), a política torna-se um espetáculo, no qual os políticos perfectibilizam sua imagem e performance. Esvaziavam-se os parlamentos, pois os políticos dirigem-se diretamente às massas, o que levaria à atrofia da democracia. Essa estetização da política, perceptível, por exemplo, nos atos-shows públicos de Hitler, nas paradas militares, etc., levariam à guerra. As imagens de guerra, filmadas documentalmente, seriam aquelas em que, por excelência, as massas ganhariam a maior visibilidade possível sem que tivessem mudado as relações de produção. A técnica, desinvestida de sua função social, desabaria sobre a classe trabalhadora, esmagando-a num espetáculo, "belo" (como defendiam os futuristas), de modo similar aos circos romanos, quando cristãos e leões levavam dezenas de milhares de romanos a um êxtase mórbido. Para Benjamin, isso seria levar às últimas consequências "a arte pela arte". É nesse momento do texto que o autor contrapõe à estetização da política" uma "politização da arte", que pode ser pensada, ainda que o autor não o diga, numa ética da arte, mas que pode ser entendida também nos termos que referi na pergunta anterior.

IHU On-Line- Em que consiste o potencial revolucionário que Benjamin via no cinema e que outros potenciais semelhantes podemos encontrar na atualidade?

Suzana Kilpp- Na medida em que o autor se refere ao cinema como uma técnica que, pela primeira vez na história da arte, tem a reprodutibilidade como condição de ser: o filme necessita ser assistido massivamente para que se pague, fazer um filme implica na intervenção de um grande número de diferentes pessoas e funções, a recepção do filme é coletiva, a reação é coletiva e autocontrolada... Benjamin tinha preferência por filmes que tratavam da cotidianidade do trabalhador diante da máquina (no ambiente da fábrica, por exemplo), em abordagem ao mesmo tempo crítica e divertida (Benjamin fala muito de Chaplin, para ilustrar, ou, em situação um pouco diferente, do Camundongo Mickey). São filmes que, segundo ele, permitiam uma vingança das massas, pelo tema, sim, mas muito também porque a aceleração-desaceleração, o zoom e os movimentos de câmera explodiam os limites do tempo-espço opressivo em que

viviam os trabalhadores, oferecendo-lhes vislumbrar espaços inéditos de liberdade, especialmente em relação à máquina, que, paradoxalmente, é necessária para produzir a imagem "isenta" de aparelhos a que se assiste no cinema. A técnica do cinema também inaugurava uma importante mudança na relação das massas com a arte, e seria de se esperar que levasse cada um a "exigir ser filmado". Para Benjamin, o capital cinematográfico teria atuado contra-revolucionariamente, colocando o "astro" no lugar do homem comum, estimulando o culto ao estrelato, acabando com o sonho legítimo de uma arte de massas ao invés de uma arte para as massas, alienando-a de sua consciência de classe na medida em que se identificava com o astro... Quanto à segunda parte da pergunta: em alguma medida, a TV poderia ser pensada como potência. Entretanto, a televisão foi rapidamente encampada pelo capital, e praticamente já nasceu sob o modelo hegemônico, altamente concentracionista, excludente e espetacular.

IHU On-Line- O que, no autor, é mais polêmico ou polemizado por outros autores?

Suzana Kilpp- Depende. Em diferentes esferas, polemizam-se certos conceitos (o de aura, por exemplo), o rigor (ou falta de) no método de investigação, o seu singular "messianismo", a sua singular "melancolia"...

IHU On-Line- Considera Benjamin um autor transdisciplinar?

Suzana Kilpp- É uma possibilidade de leitura. Prefiro pensar, entretanto, que Benjamin é indisciplinar, exemplarmente indisciplinar.

SALA DE LEITURA

No próximo dia 30 de setembro, inicia uma nova atividade promovida pelo Instituto Humanitas Unisinos: o evento **Sala de Leitura** tem como objetivo divulgar livros escritos pela comunidade interna da Universidade. Periodicamente, o IHU oferecerá a oportunidade para que colegas da Unisinos possam apresentar os seus livros publicados, a partir de 2003.

O evento consistirá na apresentação do livro por parte do autor e na leitura de um trecho da obra e terminará com alguns minutos de debate e uma sessão de autógrafos. Vinho e água serão servidos aos participantes.

Na sessão de abertura do evento, no próximo dia 30, das 17h30min às 19h, na sala 1G119, o professor Danilo Romeu Streck, coordenador do PPG em Educação da Unisinos, fará a apresentação do livro de sua autoria **Educação para um novo contrato social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

IHU On-Line- Por que a necessidade de escrever um livro sobre educação e novo contrato social?

Danilo Streck- Tudo começou com a pesquisa iniciada em 1999 sobre mediações pedagógicas e processos sociais. A pesquisa acompanhava o Orçamento Participativo (OP) do Estado do Rio Grande do Sul, durante o Governo do PT. Por outro lado, sempre havia um envolvimento com o Fórum Social Mundial (pela Unisinos e Instituto Paulo Freire), e chamava a atenção a reflexão sobre um novo contrato social. Em julho de 2001, começamos um outro projeto de pesquisa com o nome Pedagogia do Novo Contrato Social, a partir do OP no Rio Grande do Sul. Fizemos – enquanto equipe de pesquisa - várias ações e levantamos dados em várias regiões. Posteriormente, fiz o Pós-Doutorado em Los Angeles UCLA) com os dados obtidos e praticamente vim de lá com o livro pronto. O livro é um dos produtos dessa pesquisa, que teve outros frutos como artigos em periódicos no Brasil e no exterior, apresentação em salões de iniciação científica, seminários e congressos, além de parcerias com outros grupos. Está sendo

um processo muito gratificante, com boa recepção e espero que represente uma contribuição para a sociedade.

IHU On-Line- Quais as diferenças fundamentais entre o antigo e o novo contrato propostas no livro?

Danilo Streck- O contrato social moderno deu sinais de esgotamento ou que havia algo de problemático em sua concepção: as mulheres dizem que é um contrato de homens, os negros e índios, que é um contrato de brancos, a natureza foi altamente prejudicada. O livro tenta situar teoricamente o que é o novo contrato social tomando como referências Rousseau e Paulo Freire. A base empírica para a pesquisa é o OP, que traz inovações sociais, pedagógicas e políticas muito importantes. Basta ver a grande diferença entre o OP e o sistema atual de participação popular no que diz respeito ao envolvimento das comunidades na discussão das prioridades e propostas. O OP tinha uma construção coletiva que deixou sementes muito importantes nas comunidades.

IHU On-Line- A reflexão do novo contrato social tem alguma aplicação à escola especificamente?

Danilo Streck- O lugar da escola é importante, mas, na pesquisa, há um pressuposto de que há práticas educativas fora da escola às vezes mais inovadoras que as da própria escola. O OP movimentou também a escola, fazendo com que ela se colocasse junto, em vez de se entender como o centro do processo de educação. A pedagogia não está aprisionada na escola, ela está também nos processos sociais. Com a pesquisa, identificamos processos sociais com potencial de transformação e que podem trazer melhor qualidade de vida para a toda a população.

IHU REPÓRTER

Hiliana Reis

Um toque de humanidade acompanha cada uma de suas anedotas, o que é próprio de quem vive intensamente e comunica bem além das palavras. Hiliana Reis, natural de Varginha, no sul de Minas Gerais, lembra os primeiros anos de sua vida, marcados pelo meio rural, e os restantes, caracterizados pela mudança, de cidades, estados, critérios e visões de mundo. Hiliana é professora do Centro de Ciências da Comunicação da Unisinos, desde julho de 2002. É responsável pelo Programa de Pesquisa do Centro, professora do Curso de Jornalismo e integrante do Programa Educação Para



toda a Vida (EPTV) do Planejamento Estratégico (Planest) da Universidade.

Trajetória- Dos 9 aos 16 anos, fui interna no Colégio Sion, em Campanha, MG. Depois fui viver com a minha família em São Paulo, onde moramos 3 anos. Posteriormente estive um ano no Rio de Janeiro. Mais tarde, minha família mudou-se para Londrina, onde comecei a cursar a Faculdade de Pedagogia. Cancelei o curso, casei e fui para São Paulo. Começaram a chegar os filhos, primeiro Fernando, que hoje está com 33 anos, depois Bruno, casado, com 29 anos e Paulo, que tem hoje 28 anos. Durante esses anos, dediquei-me a cuidar dos filhos. Depois, retomei a Pedagogia na PUC do Rio de Janeiro. Meu marido foi transferido para São Paulo e fomos todos para lá. Continuei com a Pedagogia na PUCSP, tinha aquela expectativa própria dos anos 60 de transformar o mundo pela educação. No decorrer do curso, as experiências no ensino secundário e as leituras de Bourdieu e a própria orientação vigente na época na pedagogia, levaram-me a desistir da educação formal e buscar alternativas na educação popular. Paulo Freire, a Profª. M. da Glória Pimentel e a Profª Maria Stela Graciani foram presenças que marcaram a minha formação profissional. Através da Stela, tive os primeiros contatos com os movimentos populares e me apaixonei por essa problemática. Tenho a honra de ter participado da primeira reunião de fundação da Pastoral do Menor e de ter trabalhado nesse movimento vários anos como voluntária.

Formação- Sempre gostei muito de estudar, foi importante durante alguns anos a presença materna junto aos filhos, mas só em casa teria me sentido frustrada. Foi uma decisão muito importante voltar a estudar. Fui convidada para trabalhar na Fundação Fé e Alegria do Brasil, uma fundação Latino-Americana que assessora movimentos populares. Trabalhei com o Pe. Paulo Englert, jesuíta, uma figura emblemática. Com ele aprendi a observar e respeitar a diversidade de significados presentes em nossas culturas, uma vez que precisei aprender a lidar com elas, de formas diferentes das estigmatizadas que a escola e a minha própria condição social me transmitia. Tive que reposicionar os saberes adquiridos enquanto era assessora pedagógica junto a creches e movimentos de bóias-frias e centros de juventude. As respostas que obtinha na educação, naquele momento, eram insuficientes para lidar com as culturas populares e por essas questões, surgiu o meu interesse pela área da Comunicação. Comecei, então, a cursar o Mestrado em Comunicação na USP. A dissertação foi sobre as representações sociais de adolescentes abandonados da Unidade em Meio Aberto (UEMA-2) da FEBEM- SP, da qual fui diretora. Eram pensionatos em casas alugadas pela Febem, situados em bairros de classe média. As casas tinham como objetivo a inserção social dos adolescentes abandonados, uma tentativa de minorar os efeitos de institucionalização, decorrentes dos anos vividos nos grandes complexos da Febem. Trabalhei com 15 histórias de vida. Foi uma experiência fascinante, mas muito dolorida. Esses adolescentes são pessoas muito especiais, muitos deles, superdotados, porém estigmatizados pela rejeição, uma após a outra. Até hoje me emociono com os seus relatos, ainda vivos na minha memória.

Mais tarde, tive a oportunidade de fazer o doutorado na Universidade Autônoma de Barcelona sobre processos de interação entre tutores e alunos de EAD, e posteriormente fui convidada para trabalhar na Universidade Virtual do Instituto Tecnológico de Monterrey, no México, onde fiquei um ano. Embora a decisão tenha me custado, decidi voltar. Não dá para ficar tanto tempo longe da família, dos amigos e do Brasil.

Pesquisa- Atualmente, desenvolvo uma pesquisa sobre as apropriações e os usos sociais que estudantes estrangeiros, latino-americanos e africanos, fazem da mídia digital, o que me permite, de certa forma, interligar as experiências anteriores em uma nova perspectiva.

Família- Meus filhos são o sal da minha vida e mais ainda com a chegada de um netinho, prometido para o Natal.

Autores- Gabriel García Márquez e Guimarães Rosa.

Livros- *Cem anos de solidão* e *12 Cuentos Peregrinos*, de García Márquez e *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. E um livro fascinante que li há pouco: *Lavoura Arcaica*, de Raduan Nassar

Filme- *As Noites de Cabíria*, de Federico Fellini. O cinema marcou a minha infância e adolescência.

Nas horas livres- Tenho muitos interesses, chorinho, jazz, gosto de ler, assistir à TV, ir ao cinema, estar com amigos, sair, curtir o meu jardim.

Um grande sonho- Fazer um pós-doutorado, conhecer a Rússia e a Tailândia.

Unisinos- Considero um privilégio trabalhar aqui pelas condições que a Universidade oferece, pelos ideais que defende e pelos desafios que se nos apresentam. A Unisinos está vivendo um momento especial de grandes transformações, o que acarreta inseguranças e incertezas mas, ao mesmo tempo, vejo essa desestabilização positivamente. Mobiliza a comunidade para repensar o papel da universidade, para reforçar algumas das nossas convicções e sobretudo, para transformar os cenários de oferta e de nossa atuação. Estou cercada de pessoas muito especiais.

IHU- Só tenho a parabenizá-los. Há uma equipe de trabalho muito eficiente e sensível. Gosto muito do *IHU On-Line*. Infelizmente não tenho tido tempo de acompanhar as atividades.

AVISOS DA COORDENAÇÃO

Ditadura Militar – 1964. Trinta anos

No dia 16 de setembro, a coordenação do IHU se reuniu com o prof. Dr. Flávio Heinz, do PPG de História, com a profa. Dra. Glaucia Campregner, com o prof. Dr. Rodrigo Stumpf Gonzales, professor do Centro de Ciências Jurídicas, para discutir a programação do evento Ditadura Militar – 1964, a ser realizado no ano de 2004, rememorando os trinta anos do golpe militar de 1964.

Projeto de Incubagem de Empreendimentos Solidários

No dia 17 de setembro, a coordenação do IHU, discutiu o orçamento do Projeto de Incubagem de empreendimentos solidários a ser encaminhado para o Programa Nacional de Incubadoras – PRONINC. Participaram da reunião, além da coordenação do IHU, Telmo Adams, do IHU e Francisco Nicolau Brand, analista do Planejamento Econômico da Pró-Reitoria de Administração – PRODAD, da Unisinos.

Ciência e teologia na universidade

No dia 17 de setembro, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, proferiu a palestra "Ciência e teologia na universidade, hoje", na abertura do II Simpósio Ciência e Deus no mundo atual. Uma abordagem inter e transdisciplinar, realizado em Pelotas, RS e promovido pela Universidade Católica de Pelotas – Ucpel -, pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre - PUCRS e pelo Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

Ética e Economia

No dia 18 de setembro, Inácio Neutzling, coordenador do IHU, ministrou um minicurso sobre 'Economia e ética' dentro da programação do II Simpósio Ciência e Deus no mundo atual. Uma abordagem inter e transdisciplinar, realizado em Pelotas, RS.

Uma revista

No dia 19 de setembro, a coordenação do IHU recebeu a visita do senhor Einardo F. G. Bingemer (Ekke), coordenador dos programas latino-americanos da Fundação Porticus e do jornalista Marco Antônio de Lacerda. Em discussão esteve a possibilidade da criação de uma revista de opinião. Participou também da reunião o Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes.

INTERATIVO

Sala de Leitura



"Estou lendo *Visões do Futuro: como a ciência revolucionará o século XXI*, de Michio Kaku. Rio de Janeiro: Rocco, 2001. 458 páginas. O livro analisa o papel da ciência e da tecnologia para os próximos cem anos, a partir de entrevistas de 150 cientistas de diferentes disciplinas. O autor aborda a revolução da informática como transformadora das comunicações, do estilo de vida e da gestão de negócios. Também analisa a revolução biomolecular e focaliza a revolução quântica como gestora da própria matéria. Baseado na matéria, vida e mente, três pilares da ciência, o autor projeta o ser humano como coreógrafos ativos da natureza, e não simplesmente observadores da mesma. Meu interesse é acompanhar estas leituras, principalmente pelas projeções que podem afetar a atuação de nossas pequenas e médias empresas em um cenário internacional. A tecnologia da informação proporcionará novos negócios e novos gestores e, por isso, precisamos compreender melhor o DNA empresarial para desenvolvermos uma atuação futura, valorizando nossa própria história empreendedora".

Prof. Dr. Adolfo Alberto Vanti, doutor em Administração e professor do Centro de Ciências Econômicas.



"Atualmente, leio *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*, dos autores Ronaldo Helal, Antonio Jorge Soares e Hugo Lovisolo. Cidade: Mauad, 2001. 162 páginas. A obra é uma coletânea de artigos sobre futebol e identidade nacional no Brasil, produzida por pesquisadores ligados ao grupo de pesquisa *Esporte e Cultura* do CNPq. Trata, ao longo de seus sete artigos, de questões complexas questionando a ligação "natural" do Brasil e dos brasileiros com o futebol. Um dos pontos altos da coletânea é o debate em torno do clássico

livro de Mário Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro*, em que se discute até que ponto este livro teria promovido uma mitificação acerca da constituição histórica do "nosso" futebol. Seria o "futebol-arte" uma versão esportiva do "mito das três raças"?"

Prof. Dr. Edison Luis Gastaldo, mestre em Antropologia Social, doutor e pós-doutor em Multimeios e professor do Centro de Ciências da Comunicação.

Cartas do Leitor

Sou acadêmica do Curso de Pedagogia na Universidade Federal de Santa Maria e conheço o Informativo do IHU devido às participações em Eventos na Unisinos. Gostaria de parabenizá-los pela qualidade das temáticas e reportagens publicadas no boletim. No entanto, gostaria de colocar minha situação com relação à entrega dos mesmos: estive presente em um Congresso de Educação na Unisinos, início do presente mês, no qual - pela terceira ou quarta vez - inscrevi meu e-mail para receber o Informativo. Desta vez, pude conversar com uma representante do IHU (a qual me recomendou escrever-lhes) e esclarecer-lhe que nunca havia conseguido abrir, através de meus e-mails, os boletins enviados a mim. A secretária me explicou que talvez, como o provedor é o da Universidade, deva existir uma cota mínima para recebimento de mensagens, por eu ser acadêmica. Gostaria de solicitar a possível postagem dos boletins informativos, via Correio, mesmo que viessem todos juntos no fim dos meses, pois gostaria de ressaltar a relevância dos conteúdos para meu desenvolvimento acadêmico bem como de minhas pesquisas.

Desde já agradeço pela atenção e disponibilidade.

Ariadne Schmidt Furtado

Simões Lopes Neto: o inventor do gaúcho. Será?

Desde a realização do mestrado, tenho pesquisado e lido muito acerca das constituições das identidades culturais, especialmente as nacionais e as regionais no sul do Brasil. E quando li a matéria da 73ª edição do IHU sobre *Simões Lopes Neto* senti-me incomodada por algumas afirmações ali encontradas. Como é de senso comum no meio científico e acadêmico, e também em outras paragens, é da divergência, da polêmica e do conflito que podem surgir novas visões, oportunidades de crescimento, talvez... Com essa intenção de contribuir proponho, então, uma reflexão sobre alguns pontos.

Tendo em vista a nossa constituição humana social e coletiva, que se reflete em nosso mundo individual, até que ponto o autor de uma obra literária pode ser considerado um criador, um inventor dessa obra? Como saber se a linguagem utilizada foi inventada ou apenas recriada, adaptada das narrativas orais praticadas na época? A invenção do tipo gaúcho mítico terá acontecido na sua obra? Assim considerando, não estamos desprezando as práticas narrativas baseadas na oralidade e predominantes nos meios rurais na sua época e nas gerações anteriores? Essas práticas ainda existem e povoam o imaginário de parte da população gaúcha, principalmente daqueles que tiveram sua origem no interior do Estado.

Quando falamos nessa "invenção" do tipo mítico gaúcho, deveríamos frisar que isso se refere a um tipo de mídia ou obra literária: o livro impresso. Esse fato não elimina a possibilidade de existência de um tipo similar no imaginário social anterior à sua publicação.

Desconfio de uma certa postura simplificadora por parte da academia que reduz fatos socioculturais históricos complexos a uma única variável. Não quero, com isso, diminuir a importância da literatura impressa na instituição do imaginário regional, apenas ressaltar o fato de que ela não pode ser considerada a única forma de narrativa constituinte desse imaginário.

O que tem me chamado a atenção, no livro **Contos Gauchescos**, de Simões Lopes Neto, é a própria imagem do narrador no personagem Blau Nunes, como a representação do contador de “causos” comum nas práticas de galpão, nos serões familiares, nos momentos de reunião social de pessoas, principalmente em tempos passados. Momentos de trocas, de aprendizado social, de constituições de imaginários e de identidades por quem, talvez, não tenha conhecido livro algum a não ser a Bíblia e o hinário da igreja, não raro apenas por fora...

Pergunto-me se a sensibilidade do escritor e a sua intencionalidade de representar o universo humano sul-rio-grandense não terão feito com que ele vislumbresse a importância desse narrador (o contador de “causos”) no contexto sociocultural que recriava. Talvez aí esteja a sua maior contribuição para a compreensão da constituição do imaginário e da(s) identidade(s) regional(is).

Não trago as respostas para todos os meus questionamentos. Quisera, modestamente, contribuir para possíveis discussões ou investigações futuras.

Maria Suziane Gutbier, mestre em Comunicação e graduada em Publicidade e Propaganda pela Unisinos.

Café Filô

A coordenação do Café Filô convida para o Café Filô sobre o Riso, que ocorrerá no dia 27 de setembro, às 11h no Café do Porto (Pe. Chagas, 273) e contará com a participação de Regina Zilberman, Alfredo Fredrizzi, Abrão Slavutzki, Santiago e Zé Vitor Castiel. O tema desse encontro é o Riso, inevitável depois do último, que teve como tema a melancolia. A questão será discutida sob os pontos de vista teórico e prático, assinalando a história do riso na literatura e na filosofia para uma compreensão do fenômeno do humor e da alegria hoje. São sugeridos os livros **O Riso e o Risível**, de Verena Alberti, da Editora Jorge Zahar, **Hobbes e a Teoria clássica do Riso**, de Q. Skinner, da Editora Unisinos, e **O humor abre corações e bolsos**, de Alfredo Fredrizzi, da Editora Negócio.

Profª. Drª. Márcia Tiburi, professora do PPG de Filosofia da Unisinos.

EXPEDIENTE:

IHU On-Line é uma publicação semanal do Instituto Humanitas Unisinos – IHU –, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos- Unisinos. Coordenador do IHU: Prof. Dr. Inácio Neutzling (inacio@bage.unisinos.br). Coordenadora Adjunta: Profª MS Vera Regina Schmitz (verasc@poa.unisinos.br). Redação: Inácio Neutzling, Sonia Montañó (soniam@icaro.unisinos.br), Pedro Osório (osorio@bage.unisinos.br) e Graziela Wolfart (graziela@poa.unisinos.br). Revisão: Profª Mardilê Friedrich Fabre (mardile@centauro.unisinos.br). Projeto gráfico: AgexCom. IHU On-Line circula às 2ªs feiras via e-mail e pode ser acessado no sítio <http://www.ihu.unisinos.br/>. Sua versão impressa circula internamente na Unisinos. Endereço: Av. Unisinos, 950 – São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuinfo@poa.unisinos.br . Fone: 51 5903333 – Ramais 4121 ou 4128. E-mail do IHU: humanitas@poa.unisinos.br . Ramais: 1173 e 1195.

